

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - BACHARELADO

BALTAZAR CADORIN ZEFERINO

DO ATELIÊ À GALERIA DE ARTE

CRICIÚMA

2014

BALTAZAR CADORIN ZEFERINO

DO ATELIÊ À GALERIA DE ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof. (a) Especialista Angelica Neumaier.

CRICIÚMA

2014

BALTAZAR CADORIN ZEFERINO

DO ATELIÊ À GALERIA DE ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas.

Criciúma, 25 de junho de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Angélica Neumaier – Especialista em Ensino da artes – (UNESC) Orientadora

Prof. Izabel M. Duarte – Especialista em Ensino da Arte – (UNESC)

Daniele Cristina Zacarão Pereira – Especialista em Educação Estética – Arte e as Perspectivas Contemporâneas

A Deus e a todos que contribuíram
para a realização desse projeto de vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por tudo que me proporcionou, e pelo presente de poder cursar uma faculdade dentro de um curso que era meu desejo.

Agradeço a minha família que esteve presente em alguns momentos, e a minha companheira pelos momentos difíceis, de trabalhos que atravessaram madrugadas e eventos que não permitiram estar mais próximos agradeço também a sua família pela amizade e pelo incentivo de não desistir.

Agradeço ao meu irmão Vanderlei Cadorin Zeferino, a sua esposa e amiga de minha parte Líria Klipel Zeferino e seus filhos Matheus e Rafael pelo apoio e por fazerem parte dessa história. Agradeço a alguns amigos que sempre tiveram próximos, apoiando e conversando, trocando ideias e vivenciando comigo esse caminhar, aos amigos Alexandre Medeiros, Thiago Duarte, Francisco Alves, Victor Carvalho e aos demais companheiros em alguns momentos.

Agradeço aos amigos e companheiros de turma Jeferson da Silva e Daiane da Silva, pelos momentos que juntos pensamos, discutimos e realizamos, contribuindo um com o outro para o nosso próprio crescimento.

Agradeço aos professores que sempre de uma forma ou de outra contribuíram para o meu crescimento, seja como acadêmico como também pessoal.

Agradeço a professora Angélica Neumaier por fazer parte desse momento especial, com sua amizade, apoio e sabedoria, por que juntos construímos o pensar diante deste projeto, por que se já a admirava, agora a admiro ainda mais.

Agradeço em memória a uma amiga, a professora Jussara Guimarães, de quem sinto saudade, mas que estará presente em minha memória para sempre pelo seu carinho em especial para comigo.

Gostaria de agradecer a todos que de alguma forma contribuíram durante esses quatro anos seja com palavras ou gestos, sou imensamente grato.

“Ser artista não é ser alienado, mas ser conectado ao coletivo e realizar aberturas de novos caminhos e novos modos operatórios de se olhar o mundo, sendo inclusive capaz de antever as transformações estruturais sociais para traduzi-las em políticas diversas (estruturas que defino como ‘forma-pensamento’). Ser artista é possuir o papel político de desvelar injustiças sociais, políticas e econômicas, participando da educação moral e estética da sociedade. Ser artista, portanto, é aprimorar ou indicar novos modos operatórios para se viver.”

Rosza W. Vel Zoladz

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso se insere metodologicamente na linha de pesquisa de Processos e Poéticas do Curso de Artes Visuais Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, classificando-se de natureza básica, exploratória, bibliográfica e com coleta de dados. O objetivo principal é pensar a profissão do artista em suas possibilidades e dificuldades frente ao mercado de arte. O enriquecimento do trabalho se dá com a formulação de um questionário onde artistas puderam colaborar para o crescimento do projeto, essa necessidade de ouvir os artistas resultou em novas questões e novos confrontos, concluindo que a arte necessita de todo um envolvimento, tanto do artista, como de gestores e divulgadores da arte, como também de políticas públicas voltadas para a cultura como um todo, sem deixar de mencionar a participação da sociedade.

Palavras-chave: Arte. Artista. Ateliê. Galeria. Mercado de arte.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Retrato de Michelangelo, executado por Daniele da Volterra.....	21
Figura 2 - Capela Sistina e os afrescos de Michelangelo.....	22
Figura 3 - "O Atelier" ,Gustave Coubert.....	24
Figura 4 - "O encontro" ou "Bom dia Senhor Coubert ,GustaveCoubert..	25
Figura 5 - Escritório de Einstein.....	30
Figura 6 - "Cartografia do meio" Cláudia Zimmer.....	51
Figura 7 - Elaboração da obra.....	55
Figura 8 - Foto de Criciúma, (computação gráfica).....	56
Figura 9 - Mapa artístico.....	56
Figura 10 - Processo artístico.....	57
Figura 11 - Processo artístico.....	57
Figura 12 - Obra.....	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASCAV	Associação Sul Catarinense de Artes Visuais
MUBE	Museu Brasileiro da Escultura
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 METODOLOGIA.....	14
3 MECENATO E O ARTISTA NO SÉCULO XV.....	17
3.1 MICHELANGELO.....	20
3.2 GUSTAVE COUBERT, O ARTISTA REALISTA.....	22
4 CONCEITO DE ARTE. ATELIÊ E GALERIA DE ARTE.....	27
4.1 CONCEITO DE ARTE.....	27
4.2 CONCEITO DE ARTE CONTEMPORÂNEA.....	29
4.3 CONCEITO DE ATELIÊ.....	30
4.4 CONCEITO DE GALERIA DE ARTE.....	32
5 SER OU NÃO SER ARTISTA.....	34
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	39
7 POÉTICA PESSOAL – OBRA.....	48
7.1 CENTRO CULTURAL JORGE ZANATTA/FUNDAÇÃO CULTURAL DE CRICIÚMA.....	52
7.2 CASA DA CULTURA PROFESSORA NEUSA NUNES VIEIRA.....	52
7.3 CENTRO CULTURAL SANTOS GUGLIELMI(GALERIA DE ARTES OCTÁVIA GAIDZINSKI)	53
7.4 ESPAÇO CULTURAL TOQUE DE ARTE (UNESC).....	53
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS.....	61
APÊNDICE(S).....	63
ANEXO(S).....	64

1. INTRODUÇÃO

O problema desta pesquisa surgiu de uma preocupação particular, uma pergunta que ecoava. O que fazer depois que a graduação acabar, o que pensar e o que buscar como artista? Eu estarei pronto para essa escolha? O que esperar do mercado? Percebi que as mesmas indagações existiam em alguns colegas do curso de Artes Visuais. Que mercado é esse, influenciado por alguns e esquecido por outros, um mercado que visa oportunidades a alguns escolhidos e desmerecem¹ grandes talentos ainda por serem descobertos? Como demonstrar isso e como responder a essas questões? Como dar corpo a essa pesquisa, como fazer dela uma resposta, ou quem sabe ser geradora de novas questões, buscando um entendimento?

A primeira ideia que me ocorreu foi usar um talento que possuo, e acredito ser a mais bela ferramenta de minhas pesquisas e criações, a “criatividade,” que sempre foi companheira, mas que esteve muito presente na quarta fase do curso de Artes Visuais, após uma frase pontual de um mestre que nos deixou no meio do caminho, mas que potencializou esse artista escondido dentro de mim, pensar nesse mestre me faz crer que a arte tem uma finalidade maior do que podemos afirmar em teses científicas, mas está ali viva em cada olhar curioso, em cada sentimento expresso, em cada surpresa que surge diante da arte e suas manifestações.

O trabalho de conclusão de curso iniciou com uma pesquisa sobre a Renascença¹, um período interessante e de mudanças para a arte, que traz consigo uma série de descobertas, uma nova visão de mundo, do homem e de um novo conceito de ensino e educação. Trago um pequeno relato da vida de Michelangelo que viveu na Alta Renascença e suas dificuldades e relações com a arte e seus benfeitores e que em sua vida o atormentaram. Num contrapeso apresento também uma pesquisa frente à vida de Coubert, artista realista que por vezes manifestou suas aptidões e opiniões, muitas vezes não sendo compreendido, criou seus

¹ A Renascença ou Renascimento foi um período histórico durante os séculos 15 e 16 em que uma revolução ocorreu nas artes e no pensamento humano. Novas técnicas artísticas que marcaram o início da pintura e da escultura modernas, a redescoberta da cultura da Grécia e da Roma antigas, o estudo científico do corpo humano e da natureza e a substituição de Deus pelo ser humano como tema principal foram as principais características da Renascença.

próprios caminhos, tornando-se o primeiro artista que patrocinou sua exposição, ainda comento a presença do amigo de Coubert, o Sr. Bruyas, amigo e divulgador das obras de Coubert, em alguns relatos históricos foi mencionado como um mecenas e/ou marchand, que colaborou com sua vida artística.

Apresento os conceitos de arte, ateliê, galeria e arte contemporânea. Na sequência dedico um capítulo intitulado “ser ou não ser artista”, nele trago uma escrita pessoal às questões frente as dificuldades encontradas no meio artístico das Artes Visuais. Cito um trecho da entrevista do artista visual Janor Vasconcelos ao jornal Diário Catarinense, que contribui com a escrita. Outro fator que destaco de grande importância foi a referência que dou a disciplina do curso de Artes Visuais Arte e Agenciamento Cultural da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Quanto ao meu percurso artístico a disciplina colaborou com um despertar dos acadêmicos, com fatos, reportagens, pesquisas, em como criar e pensar uma exposição coletiva com os próprios alunos, o que possibilitou um aprendizado sobre todo o processo no qual se constitui uma exposição.

Com a disciplina ainda pudemos ter o prazer de participar de um Painel intitulado “Mercado de arte, projetos, artistas e o cenário atual”, evento esse no dia 12 de abril de 2013, no Campus da Unesc - Bloco P - Sala 19,” onde os alunos não tiveram só conhecimento mas também puderam tirar dúvidas sobre assuntos como leis de incentivo à cultura, projetos e captação de recursos.

Na sequência apresento uma coleta de dados e análise de entrevistas, feita com quatro artistas da região, questões essas que tratam de arte, mercado e editais, questões pensadas em relação ao objeto da pesquisa, o ser artista na contemporaneidade.

Por fim apresento minha poética pessoal, e todo o percurso de ideias resultando em uma produção de um objeto de arte que será exposto.

O presente trabalho de conclusão de curso intitulado “Do ateliê à galeria de arte” segue o desenvolvimento a partir da metodologia que é retratada no segundo capítulo elaborada com apoio de teóricos como Santaella e Minayo.

O terceiro capítulo inicia com levantamento histórico no período da Renascença, tendo como fonte de pesquisa Gombrich e Hauser. Ainda no terceiro

capítulo menciono um breve relato da vida de Michelangelo apoiado em Strickland, e um trecho da vida de Gustave Coubert e seu amigo Alfred Bruyas apoiadas em Bird , Charpier & Seghers.

O quarto capítulo discorre sobre os conceitos de Arte, de Ateliê, galeria de arte e arte contemporânea, as referências teóricas dos conceitos contam com estudos de Zoladz, Bourriaud, Bosi, Silva, Sylvester, Peixoto, O'Doherty, Canton, Cocchiaralle e Ostrower.

No quinto capítulo desenvolvo uma escrita voltada as dificuldades percebidas por mim em relação às vivências do artista, com apoio teórico em Ostrower, Zoladz, Salles, Martins ,Miranda; Resende.

No sexto capítulo apresento a análise da entrevista, com embasamento em Salles, Zoladz, Moreira e Almeida.

No sétimo capítulo apresento todo o desenvolvimento da minha obra, as possibilidades até a concretização da mesma, apresento como apoio Salles e Bird.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa de conclusão de curso intitulada “Do ateliê à galeria de arte” insere-se na linha de pesquisa Processos Poéticos do curso de Artes Visuais – Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, onde são abordados os fundamentos históricos, as tecnologias, os elementos e processos de criação, reflexão e poéticas nas artes visuais. Classificando-se de natureza básica, exploratória, bibliográfica, qualitativa com coleta de dados.

A pesquisa se apresenta básica pelo desenvolvimento científico e pela busca de conhecimento, como cita Santaella(2001,p.113) “Pesquisa é o modo próprio que a ciência tem para adquirir conhecimento. No seu aspecto gerativo, o conhecimento só pode continuar crescendo na medida em que as pesquisas são incessantemente realizadas.”

Quanto aos objetivos é exploratória, estabelecendo um diálogo entre a pesquisa bibliográfica e a coleta de dados através de entrevistas, com base em Minayo (2004, p.69),

“podemos apontar três finalidades para essa etapa: estabelecer uma compreensão dos dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas, e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando o contexto cultural da qual faz parte”.

Quanto ao objetivo é pesquisa bibliográfica por ser indispensável o levantamento de informações para enriquecimento no desenvolvimento do projeto.

Bastos (1999, apud SANTAELLA, 2001, p.160-161) diz que “O levantamento bibliográfico preliminar é imprescindível. Antes de tomarmos qualquer decisão sobre a nossa pesquisa, precisamos ter o maior número de informações e de leituras que são possíveis nessa etapa de desenvolvimento do projeto, não só para melhor delimitar o assunto, “mas também para desenvolvê-lo longe de um ponto de vista do senso comum”. Juntamente com o acesso a material bibliográfico, Bastos considera a necessidade de diálogo com especialistas para discutir e aprimorar o tema escolhido, confrontando sempre que possível as sugestões e críticas de um especialista com as de outros especialistas.”

Quanto a forma de abordagem é qualitativa por trazer uma contribuição ao trabalho de pesquisa numa união de processos, com a finalidade de contribuir para uma melhor compreensão dos fenômenos como cita Santaella (2001, p.187)

“Embora não exista um padrão paradigmático a que as pesquisas não quantitativas se ajustem, elas também dependem da observação, da coleta de dados, da análise dos dados coletados e de sua interpretação. Sem isso a pesquisa fica sem chão, flutuando no ar.”

Quanto aos procedimentos é pesquisa de campo com coleta de dados através de entrevistas que surgem para potencializar a pesquisa, antes iniciada bibliograficamente, agora surge com a tarefa de ouvir o próprio artista de quem a pesquisa mais trata:

“A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais . Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objetos da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada”.(MINAYO,2004,p.57)

Ouvir o artista expressando suas dificuldades sejam individuais ou coletivas, pensamos com mais exatidão todo o universo de possibilidades em relação a pesquisa. Pensar no artista e ouvi-lo é aproximar a investigação ao um processo mais forte e competente, como menciona Minayo (2004):

“É no processo desse trabalho que são criados e fortalecidos os laços de amizade, bem como os compromissos firmados entre o investigador e a população investigada, propiciando o retorno dos resultados alcançados para essa população e a viabilidade de futuras pesquisas”. (MINAYO, 2004,p.56)

É preciso acreditar no seu projeto e prepará-lo com todas as ferramentas possíveis, sem elas tudo parece vazio e perdido, é preciso obedecer as ideais em mente e dirigi-las de uma melhor forma, colocando cada peça em ordem no seu tabuleiro, ou como menciona Santaella (2001) “[...] é uma tarefa a ser enfrentada sem escusas, pois é dela que nos vêm os meios para comprovar ou não as hipóteses nas quais apostamos”. (Santaella, 2001, p.187)

Toda pesquisa se inicia com uma ideia que aos poucos vai tomando corpo e fazendo parte do que o autor deseja, é necessário que o assunto ou tema venham de encontro com o desejo do pesquisador, sem o qual uma pesquisa sem prazer não tem vida longa, como menciona Santaella (2001, p.158.):

De fato, um tema é algo que nos fisga, para o qual nos sentimos atraídos sem saber bem o porquê. Por isso mesmo, temas de pesquisa não devem ser mudados diante da primeira dificuldade que se apresenta ou diante de influências alheias. Um tema nasce de um desejo, que é, por sua própria natureza, sempre obscuro, e não costuma adiantar muito a tentativa de lhe virar as costas.

É um contínuo desafio, uma guerra particular de momentos e trocas, até a afirmação concreta do que se pretende, e essa guerra particular começa a ser confrontada em nosso cerne no desejo de querer fazer algo não só bem feito mas que sirva quem sabe para sustentar outras tantas pesquisas do mesmo cunho.

Embora tudo pareça ainda muito vago, é preciso aproveitar as incertezas iniciais para delas extrair seu sumo. O lusco-fusco da imprecisão é propício para despertar aquilo que Pierce chamou de *uberty*, “uberdade”, isto é, capacidade de responder criativamente aos estímulos que nos chegam tanto do exterior quanto, principalmente, do interior de nossa mente. (SANTAELLA, 2001, p.161-162)

Esse desejo de querer fazer algo que tenha importância foi a grande dificuldade que me impôs uma cobrança particular se assim posso dizer, tomou conta dos meus pensamentos e indagações, não queria um assunto de pequena importância, se é que há assuntos desse nível num trabalho de conclusão de curso, mas algo que tivesse significado para mim e que fosse proveitoso para os leitores do mesmo.

[...] no caso de uma pesquisa não estar na linha de continuidade de uma outra já realizada pelo pesquisador, o interesse por um assunto, um tema ou uma questão não surge do vácuo. Ele é fruto de uma história de vida, de experiências profissionais, intelectuais, construídas mediante caminhos próprios, dos valores e escolhas que nos definem. (SANTAELLA, 2001, p.164)

E é construindo esse caminho, onde pretendo chegar, consciente, buscando responder todas as expectativas, principalmente as minhas em relação a esse assunto por estar tão presente.

3. MECENATO E O ARTISTA NO SÉCULO XV

Para PROENÇA (2008) as conquistas marítimas e o comércio com a Ásia possibilitaram uma grande demanda de produtos para a Europa no séc. XV. Com o comércio em alta com o Oriente, muitos europeus, principalmente comerciantes se tornaram ricos, desta mesma forma puderam investir na arte. Os governantes como também o clero colaboraram financeiramente com os artistas. Essa colaboração financeira além da proteção oferecida aos artistas ficou conhecida como mecenato².

Passou a se chamar “Renascimento” em virtude às referências culturais da antiguidade clássica com mudanças num ideal humanista e naturalista. O termo foi mencionado pela primeira vez por Vasari já no séc. XVI. O renascimento iniciou-se nas cidades de Florença e Siena, onde depois se expandiu pela Itália e em sequência a Europa Ocidental, porém na Itália o movimento foi de maior expressão.

No período da renascença que se estende aproximadamente entre fins do século XIV e início do século XVII os artistas transformaram o campo das artes dando ênfases a tudo que era criado, muitas outras atividades aos poucos foram juntamente se estruturando. Mas tais acontecimentos não foram de modo repentino.

O período foi então um desabrochar de processos que já vinham acontecendo há algum tempo. De acordo com Gombrich (1981, p.223),

A palavra renascença significa nascer de novo ou ressurgir, e a ideia de tal renascimento ganhava terreno na Itália desde a época de Giotto. Quando as pessoas desse período queriam elogiar um poeta ou um artista, dizia que a sua obra era tão boa quanto a dos antigos.

Na renascença havia um padrão estético, a ressurreição de valores, a redescoberta das referências culturais da antiguidade clássica. Havia uma liberdade latente nas artes e nas outras atividades. Os artistas por criarem e executarem seus trabalhos manualmente eram colocados sob o mesmo patamar de outros afazeres,

² Mecenato é um termo que indica o incentivo e patrocínio de artistas e literatos, e mais amplamente, de atividades artísticas e culturais. O termo deriva do nome de Caio Mecenaz (68–8 a.C.), um influente conselheiro do imperador Augusto que formou um círculo de intelectuais e poetas, sustentando sua produção artística.

como por exemplo, ferreiros, escultores e artesãos. Já os poetas que trabalhavam com palavras eram vistos com mais dignidade, pois não sofriam das mesmas agruras dos trabalhos manuais.

Apesar de belíssimos murais, afrescos e esculturas, os artistas não eram valorizados da mesma forma que os seus trabalhos. Havia uma grande condição de anonimato, porém no fim da idade média Hauser (2000, p.255) menciona que “a personalidade do artista como tal ainda não era reconhecida, sua oficina ainda estava organizada exatamente do mesmo modo que a de qualquer outro comerciante; (...)”.

Para realizarem grandes tarefas os artistas se uniram a outros trabalhadores. Era mais fácil unir-se em corporações, do que viverem no anonimato. Em muitas cidades havia várias corporações desde os tecelões, os tintureiros, os ferreiros, os carpinteiros, os ourives ou entalhadores de pedras.

Porém os artistas se viam ameaçados pelo crescente influxo de novos artistas desejosos pela perspectiva promissora de se emanciparem das lojas. Para evitarem futuras concorrências os artistas começaram a se reunirem em Guildas, como um pequeno sindicato no intuito de favorecerem seus trabalhos.

“Loja e guilda diferiam, em princípio, na medida em que a primeira era uma associação de empregados hierarquicamente organizados, enquanto a segunda, pelo menos no começo, consistia numa associação, em termos iguais, de empresários independentes.” (HAUSER, 2000, p.254).

As Guildas eram associações de profissionais, que tinham como objetivo principal a defesa dos interesses econômicos dos trabalhadores que faziam parte dela. Entre eles estavam, ferreiros, artesãos, alfaiates, artistas plásticos, como também outros profissionais. Porém para manter em funcionamento os associados pagavam um determinado valor.

Muitas guildas se diferenciavam, em algumas os seus artistas foram sendo reconhecidos e requisitados, o que iniciou um afastamento de alguns artistas das guildas principalmente na Itália.

Porque os príncipes e déspotas italianos estavam mais aptos a usar e apreciar seus talentos do que os governantes estrangeiros. O fato de que os artistas italianos dependiam menos das guildas, o que era a base da

posição favorecida que desfrutavam, é, sobretudo o resultado de serem frequentemente empregados nas cortes. (HAUSER,2000, p.329).

Era comum também um mecenas³ ou uma família rica patrocinar um artista ou pagar por seus estudos e materiais, o que não cabia ao artista o privilégio da fama mas sim ao seu patrocinador.

Os artistas começaram a se aproximar dos escritores, poetas e humanistas em geral, o que contribuiu para que os artistas saírem das guildas, o que lhes possibilitou explorar temas e técnicas por conta própria.

A emancipação dos artistas das guildas não é, portanto, consequência de um sentimento mais profundo de amor-próprio e do reconhecimento de suas reivindicações para serem considerados em pé de igualdade com os poetas e letrados, mas resulta do fato de que seus serviços são necessários e disputados. O amor próprio é meramente a expressão do valor de mercado de cada artista e sua obra. (HAUSER, 2000, p. 329).

Foi com a Renascença que os olhos começaram a observar e as mãos a querer representar aquilo que se vê. O interesse e a busca para representar as coisas de uma forma mais fiel. Houve um aperfeiçoamento nas técnicas e nos fazeres. O crescimento das cidades e o poder de compra de um público um pouco maior, fez com que os artistas ganhassem mais notoriedade perante a sociedade Hauser (2000, p.322) menciona que

A crescente demanda de obras de arte na renascença levou à ascensão do artista do nível de artesão pequeno-burguês para o de trabalhador intelectual livre, uma classe que anteriormente nunca tivera raízes, mas que começou agora a constituir-se num grupo economicamente seguro e socialmente consolidado, embora longe de ser uniforme.

Começava a surgir um mercado de arte relativamente estável. Além dos patrocinadores já conhecidos como a igreja, os reis, e os mecenas, agora os nobres e aristocratas também encomendavam obras.

³ Mecenas (Caio Mecenas) foi um cidadão romano da época imperial. Grande político, estadista e patrono das letras, Mecenas foi um conselheiro hábil e da confiança de César Octaviano (Augustus). Atualmente, o seu nome é símbolo do patronato rico e generoso. Hoje em dia, um mecenas é uma pessoa que patrocina as artes, a ciência ou o ensino, muitas vezes com benefícios fiscais.

A pintura tinha o seu grande valor, pois eram encomendados muitos retratos de família. Além de obras já prontas, o novo mercado girava em torno de tais encomendas.

Apesar do lugar distintivo que alguns artistas passaram a ocupar na sociedade e da segurança econômica recém-obtida, eles não eram nobreza ou aristocracia, e ainda não haviam se tornado muito ricos.

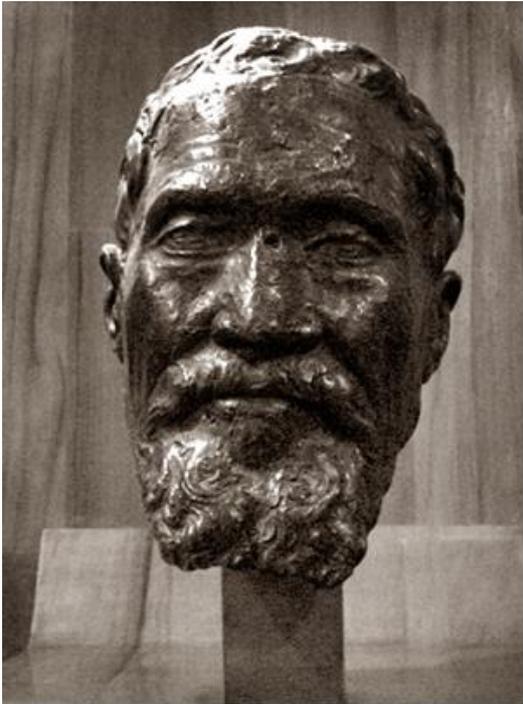
É característico que os preços se mantivessem, em geral, num nível médio, e que até os mestres mais renomados não fossem muito mais bem pagos do que o artista comum e o artesão de grau superior. Personalidades como Donatello recebiam provavelmente honorários algo superiores, mas os “preços exorbitantes” ainda não existiam. (HAUSER, 2000, p.327).

Com esse reconhecimento da arte e dos artistas, outro personagem surgiu. Os chamados donos de ateliês que eram mais homens de negócios do que artistas, eles faziam a mediação entre os compradores e os artistas.

3.1 MICHELANGELO

Quando comecei a debruçar a pesquisa sobre a renascença e o mecenato, não havia como negar a presença da vida de Michelangelo, sua história diante as dificuldades de ser artista na época ainda me parecem tão reais e presentes nos dias de hoje, o mesmo teve uma vida regada de desafios diante da arte e seus benfeitores.

Figura 1 - Retrato de Michelangelo, executado por Daniele da Volterra.



Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Michelangelo>

Para STRICKLAND (1999, pg.36) Michelangelo teve uma vida de dificuldades, de sucesso e de fracassos com o sistema de mecenato. Michelangelo devia seu aprendizado a Lourenço de Médici, por quem trabalhou a fio durante anos, entre ele sete dos trezes papas que viveram em sua época, que fizeram com que Michelangelo deixasse de realizar outros trabalhos. Trabalhos como os dos túmulos da família, os mesmos ficaram inacabados por diversas interrupções, interrupções essas, porque seus protetores mudavam de ideia a todo o momento, trabalhos esses que muitas vezes ficaram sem pagamento e que o artista passara anos trabalhando. Um outro grande desafio que Michelangelo recebeu foi do Papa Júlio II, que tinha um projeto ambicioso do seu próprio túmulo para ser construído no centro da Basílica de São Pedro. Uma encomenda de quarenta estátuas de mármore no tamanho original, projeto esse que atormentou a vida do artista durante os seguintes quarenta anos, por penas de mudanças solicitadas e outras encomendas que interrompiam o andamento das obras, o próprio Michelangelo referiu a esse momento como a “Tragédia do Túmulo”.

Figura 2 - Capela Sistina e os afrescos de Michelangelo



Fonte:<http://betoefofs.wordpress.com/2012/07/14/capela-sistina-e-os-afrescos-de-michelangelo>

Michelangelo foi um dos primeiros artistas independentemente criativo, o que o tornou um ser iluminado, citado como o Divino. Um dos fatos que me chamou a atenção na vida de Michelangelo, foi de que várias vezes o artista teve que deixar trabalhos incompletos para seguir outras encomendas a até mesmo deixar de criar trabalhos próprios.

Projetos como a Capela Sistina que durou cerca de 4 anos, e além dos últimos 19 anos antes de sua morte, onde o artista se ocupou da construção da Cúpula da Basílica de São Pedro.

3.2 GUSTAVE COUBERT, O ARTISTA REALISTA.

Outro artista, desta vez realista que eu preciso destacar foi Gustave Courbet ,nascido em Ornans, na França em 1819. Desde cedo se interessou pelo desenho e pela política. Em 1840 frequentou a tradicional Academia de Arte em

Paris, seus trabalhos aos poucos abandonam o romantismo das primeiras telas e passam a tornar-se um dos principais nomes do movimento realista, caracterizado por pinturas sobre movimentos políticos e sociais. Mas foi em 1855 na Exposição Universal de Paris que sua história me chamou a atenção, vários quadros do artista foram recusados pela organização do evento, entre eles o “Enterro em Ornans” e “O Atelier”.

A principal característica ao meu ver foi que Courbet não desistiu, o próprio artista manda construir uma casa próxima a Exposição, onde inaugura o “Pavilhão do Realismo” com 41 quadros financiados por ele mesmo.

Gustave Courbet descreveu sua pintura “O ateliê” do artista como “*meu modo de ver a sociedade [...] o mundo vem para ser pintado no meu ateliê*”. Enquanto o socialmente radical Courbet pintava a si mesmo no centro da sociedade, durante o século XX o artista foi tipicamente um marginalizado, adotando o papel de crítico social ou dissidente excêntrico. (BIRD, 2012, p.114).

Na obra Courbet deixa-se ver claramente a sua proposta. A história menciona que o artista escreveu uma carta a um amigo, na qual descrevia a obra “O atelier”, nele menciona cada indivíduo e sua importância na obra, começa com sua própria imagem ao centro pintando, com uma jovem seminua ao seu lado o que menciona que o próprio preferia uma mulher que aos críticos da época, ainda distribuídos dos dois lados do quadro tendo o artista como ponto central, visualizamos o que caracteriza ser os dois lados da moeda da sociedade, com personagens que denotam tanto a sociedade burguesa como também a classe mais desfavorecida. Há ainda menções religiosas, como também a figura de alguns amigos que representavam a classe cultural. Preciso ainda destacar que um casal localizado a direita da obra era uma menção aos amantes e admiradores da arte, possivelmente colecionadores da época.

Figura 3 - “O Atelier”, Gustave Courbet



Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/The_Painter's_Studio#mediaviewer/File:Courbet_L_Atelier_du_peintre.jpg

Coubert teve uma vida tranquila financeiramente por um longo período, momento que preciso destacar a figura do marchand ou melhor dizendo um amigo, que divulgava as suas obras, Alfred Bruyas. O próprio Coubert menciona através de uma carta ao amigo as dificuldades de se manter fiel a arte e viver dela naquela época

“Sim meu caro, eu espero na minha vida realizar um milagre único, eu espero viver de minha arte durante toda minha vida, sem com isso afastar-me uma linha sequer de meus princípios, sem ter de mentir jamais à minha consciência; sem nunca ter de fazer da larga pintura como a mão para agradar a quem quer que seja nem para ser vendida. Eu sempre disse aos meus amigos (quem se apavorava com minha valentia e quem teme a mim mesmo) não tema nada, deverei percorrer o mundo inteiro estou certo de achar homens que me compreenderão; não acharei mais de cinco ou seis, e eles me farão viver, eles me encontrarão. Eu tenho razão – eu tenho razão, eu vou encontrá-los, isto é inevitável, pois não somos nós que somos encontrados e sim nossas soluções.” (CHARPIER & SEGHERS, 1957:337-338).

Ainda assim Coubert deixa bem clara a sua ideia ao retratar seu amigo Bruyas no quadro "O Encontro" ou "Bom Dia, Senhor Courbet", onde ele caracteriza-se a direita como o artista que sai do seu ateliê para uma mais nova experiência, criar seus esboços ao ar livre. Coubert queria se desligar dos padrões, não desejava ficar preso, e sim manifestar em suas obras a realidade como era vista. Nota-se a presença do amigo receptivo no meio do caminho, e ao longe a charrete dando ênfase a liberdade que o artista desejava na arte, pois o mesmo o pinta como um andarilho com um cavalete numa mochila as costas.

Figura 4 - "O Encontro" ou "Bom Dia, Senhor Courbet".



Fonte:[http://en.wikipedia.org/wiki/Gustave_Courbet#mediaviewer/File:Gustave_Courbet_010.j](http://en.wikipedia.org/wiki/Gustave_Courbet#mediaviewer/File:Gustave_Courbet_010.jpg)
pg

Hoje o artista precisa não apenas estar focado na criação de obras, mas também em sua circulação e comercialização. Segundo Bird (2012,p.123) os marchands são um elemento crucial para o comércio das obras de arte:

Já que o mercado de arte se baseia numa mercadoria sem valor prático, os *marchands* – intermediários entre artistas e público comprador-desempenham um papel crucial na fixação de preços. Nos dois últimos séculos, o modo de operar dos *marchands* tem tido uma influencia significativa na reputação de artistas e nas modas dentro da arte. (BIRD,2012,p.123) .

Ao mencionar Coubert e seu amigo Alfred Bruyas nos capítulos anteriores, o mesmo que era como um marchand⁴ ou um amigo pessoal que divulgava a suas obras, pude perceber ao longo da história a influência dos mesmos como cita ainda Bird (2012,p.123) que os

Marchands parisienses como Paul Durand-Ruel iniciaram a agora familiar prática de controlar o preço e a disponibilidade da obra de artistas vivos, com os quais eles frequentemente mantinham laços pessoais. Os leilões se tornaram uma característica , com os *marchand* dando lances estratégicos para manter os preços nas alturas. Durand-Ruel comprava produções de artistas em lotes para exposição e vendia a colecionadores que confiavam em seu discernimento. Ele ajudou a transformar o Impressionismo em um movimento vendável, comprando obras de Degas, Manet, Renoir e outros. “Sem ele”, disse Camille Pissarro, “nós teríamos morrido de fome”.

A grande importância dos Marchands está em seu trabalho muitas vezes além de divulgar a obra do artista mas também de poder representá-lo diretamente com os donos de galerias o que deixa claro a menção a Peggy Guggenheim, uma das colecionadoras e mecenas mais destacadas do século XX, Bird (2012,p.123) menciona que

Nas décadas de 1930 e 1940, a herdeira americana Peggy Guggenheim personificou uma nova raça de colecionador- *marchand* ,além de ser curadora. A galeria Guggenheim, em Nova York, chamada “Art of this Century”, com suas amostras de instalações surrealistas, promoveu uma visão do que deveria ser a arte moderna. Quando mais tarde Guggenheim abriu seu *palazzo veneziano* ao público, sua coleção de obras de artistas do porte de Jackson Pollock, cujas carreiras ela havia promovido como *marchand* , se tornou um museu – uma versão culturalmente sancionada da história da arte do século XX.

Apesar de tudo, para muitos hoje na arte contemporânea o marchand tem sido visto como um intruso, muitos pelo modo como tratam a arte ou pela falta de

⁴ A palavra Marchand é de origem francesa e em português significa, 'mercador' ou 'comerciante' se refere não só àquele que compra e vende objetos artísticos, mas também a um tipo de prestador de serviços que atua na divulgação do artista, podendo representá-lo comercialmente nas relações com galeristas, colecionadores, museus e assemelhados.

compreensão em relação ao marchand que não deixa de ser um intermediário entre o artista e o comprador.

O mercado de arte contemporânea, no qual uns poucos artistas fazem fortuna com preços altamente inflacionados, funciona de maneira análoga ao setor financeiro, com um âmbito comparável para a manipulação lucrativa. Consórcios de *marchands* atizam os lances em leilão e assim o dinheiro circula pelo sistema. As manchetes geradas pelos altos valores alcançados mantêm o nome dos artistas perante os olhos do público, contudo, a maior parte dos artistas considera este tipo de atividade – como as práticas financeiras que desencadearam a recessão na primeira década XXI – fundamentalmente tóxica para o futuro da arte. (BIRD, 2012,p.123)

Para mim o artista precisa compreender que ele é o criador da obra, mas o que o caracteriza como artista está ligado a tudo a sua volta e a necessidade de entender a importância de todos os colaboradores em frente ao seu projeto final, o artista precisa definir sua linha de trabalho, buscando a inserção ou não no mercado.

4. CONCEITO DE ARTE, ARTE CONTEMPORÂNEA, ATELIÊ, GALERIA DE ARTE .

4.1 CONCEITOS DE ARTE

Quando perguntamos o que é a arte não perguntamos o significado da palavra em si, mas todo o fazer, todo o conteúdo, toda a carga de sentimentos e desejos em volta dessa experiência ou como menciona Zoladz:

O que é arte? Quando é arte? O que é um obra de arte? As obras de arte podem ser consideradas objetos físicos? A arte não tem fim? Ao tentarmos definir o que é arte nos reportamos quase que imediatamente a outra pergunta: quem é o artista e o que o leva a apresentar sua obra a um público que tentará descrevê-la, analisá-la, compará-la, julgá-la e classificá-la ? Essas indagações surgem quando se tenta definir o que é arte e qual a sua finalidade. (ZOLADZ,2011,p.89)

A arte está longe de ser definida, mas muito próxima de ser sentida, a arte liberta o homem, dá forma, circula seu universo, enche de cores o vazio da alma, absorve a tristeza, dá corpo aos famintos de cultura e principalmente tem a causa e

o efeito de nos surpreender a cada momento. Bourriaud (2009,p.113) afirma que “a arte tem por finalidade reduzir a parte mecânica em nós: ela almeja destruir todo acordo apriorístico sobre o percebido”.

Poderia me atrever a dizer que a arte é o livre arbítrio do homem pensante e desejoso por um toque a mais de sutileza ou conflito, a arte está tão encravada no cerne do homem que dificilmente podemos arrancá-la do seu convívio, está tão alicerçada à sua história e seus feitos, desde os primórdios do homem que mal podia se comunicar que através de suas novas tecnologias trazem a arte um novo patamar de possibilidades. Bosi (2000, p.13) menciona que “a arte é um fazer. A arte é um conjunto de atos pelos quais se muda a forma, se transforma a matéria oferecida pela natureza e pela cultura”.

A arte é uma arma que se soubermos manuseá-la com inteligência e dedicação podemos mudar vidas, transformar sonhos, revelar sorrisos, abrir janelas que jamais foram abertas. Certa vez escrevi que um lápis de cor pode gerar um sorriso largo em uma criança com uma facilidade tão imensa que nós adultos confusos com a correria dos dias já não podemos decifrar, pois a arte começa aí ,no que parece frágil, mas pronto para desabrochar, como menciona Bosi (2000,p.47).”Uma arte verdadeira e revolucionária a um só tempo. Uma arte que produza a imagem densa e dramática de uma Humanidade em mudança, carente, dominada, mas rebelde”.

Eu sempre acreditei na arte, na arte que me fazia pensar e refletir sobre muitas coisas, uma arte que me transportasse a um mundo que desconhecesse, a uma terra nova e produtiva, uma arte que me fizesse refletir sobre a vida, o amor e desilusões, uma arte que me indagasse e me desse o prazer da discussão. Acredito na arte que diverte, na arte que tem voz e sentido para estar a onde está e para ser o que nasceu para ser.

Uma obra de arte possui uma qualidade que a diferencia dos outros produtos das atividades humanas: essa qualidade é a sua (relativa) transparência social. Uma boa obra de arte sempre pretende mais do que sua mera presença no espaço [...](BOURRIAUD,2009,p.57).

A arte está viva em cada pedaço de escultura, em cada mancha de tinta que unida dão forma a um elemento, está nos pequenos detalhes, nas pequenas fissuras da obra, está nas descobertas acidentais, na busca por uma maior qualidade, um gesto inacabado, pois para Zoladz (2011, p.90) “a arte, como todas as formas de conhecimento do homem, é entendida como um fenômeno cultural que se apresenta na forma de ideias, comportamentos e objetos físicos”.

4.4 CONCEITOS DE ARTE CONTEMPORÂNEA

A arte contemporânea é a quebra nos paradigmas, pois o artista se vê livre para compor a sua obra frente a sociedade, sem algo que o limita ou que o impeça, seja a técnica ou outras matérias. Canton (2009, p.49) diz que “nesse campo de forças, artistas contemporâneos buscam um sentido, mas o que finca seus valores e potencializa a arte contemporânea são as inter-relações entre as diferentes áreas do conhecimento humano”.

Pensar na arte contemporânea é pensar nessas inter-relações, num âmbito maior, pois a arte contemporânea está em todos os percursos da arte, pode estar na dança, no cinema, na escultura, pode estar na rua, na provocação do artista, essa é a arte que se relaciona com o meio, com a cidade e com todas as manifestações artísticas. Cocchiaralle (2006, p.67) diz que “a arte contemporânea pode estar em vários lugares simultaneamente desempenhando funções diferentes. Mas, o principal de tudo isso são novos tipos de relação que ela nos faz estabelecer. [...]”. A arte contemporânea vem para incitar, provocar sensações, sentimentos pessoais e vibrações sociais. Vem para provocar e alimentar quem sabe mudanças, tudo para mim se inicia num fator, criatividade.

[...] desde que o homem é homem, ele se revela um ser simbolizador por excelência. Ao tentar entender e interpretar o fato de sua própria existência, e tentar comunicá-lo a outros, ele, “homo faber”, homem-fazedor, já é *fazedor de formas*, falando, cantando, dançando, pintando, esculpindo, sempre criando formas simbólicas expressivas. (OSTROWER, 1990, p. 52)

Nasce uma liberdade criativa, uma infinidade de matérias e

possibilidades, uso de tintas variadas, e outros materiais, sejam reciclados ou não. Ainda podemos mencionar a arte contemporânea como a arte que não precisa ser admirada, mas que a informação que se deseja passar com a obra possa ser compreendida e recebida de bom grado.

4.2 CONCEITOS DE ATELIÊ

Muitos talvez nunca entendam ou fingem querer entender a mente de um artista, para mim compreendê-lo é uma árdua tarefa, lembro de uma frase de Einstein sobre seu escritório, quando em 1955 foram publicadas na revista Life, na foto o recinto estava totalmente desorganizado, papéis por todos os lados, anotações e cálculos e outros objetos. Ao ser indagado sobre a imagem o mesmo respondeu: *“Se uma mesa bagunçada significa uma mente bagunçada, o que dizer de uma mesa vazia”?*

Figura 5 - Escritório de Einstein



Fonte: <http://life.time.com/culture/albert-einstein-last-photo-taken-of-his-princeton-office/#1>

Em muitos momentos ouvi minha companheira mencionar o fato de eu ter tantos papéis acumulados em uma gaveta, como anotações, poesias e trechos de

romances por terminar. Menciono a ela que se trata da minha gaveta de ideias, mas para ela vai ser sempre a ideia de bagunça. Só eu sei a riqueza que há naquela gaveta. Essa gaveta para mim é como a mesa no escritório de Einstein, e assim também de muitos, essa gaveta para mim é como o atelier do artista, está lá rico em detalhes mesmo que para alguns pareça bagunçado como menciona

Silva (2004 apud SANTOS, 2009, p.49-50) [...] “do latim *astula*, pedaço de madeira ou pedra, passando pelo francês *atelier*, redução de *tas d'éclats de bois*, monte de pedaços de madeira. Em suas origens no século XIV, a palavra designava lugar bagunçado. Por isso, o recinto onde trabalhavam os artistas era conhecido também como *chantier*, canteiro de obras, depósito”.

Porém é lá no ateliê, nesse local bagunçado para alguns, que podemos vivenciar nossa maior invenção, de poder criar e recriar, o poder da pesquisa e o poder transformador. Um local para muitos artistas tratado como um santuário.

Percebo que muitos artista vivem a maioria de seu tempo sozinhos produzindo em seu em seu atelier, o que eu chamo de um templo particular .

Sylvester (2002 apud SANTOS, 2009,p.56-57) “Há diversas razões para que o ateliê do artista tenha se tornado um lugar privilegiado para expor arte. O culto do gênio faz da oficina uma Meca, quer o profeta vivo ou morto. Uma vez que a exposição individual se constitui no principal veículo para exibir a obra de um artista, o ateliê pode ser uma exposição retrospectiva permanente. O conteúdo da arte tem sido cada vez mais visto como processo de sua própria feitura, e menos como algo exterior a ela, de modo que o espaço onde o artista luta com seus problemas se torna como o terreno onde Jacó lutou com o anjo”.

O que nos faz refletir, sobre as vastas possibilidades de um local rico em detalhes e formas. Muitos são os artistas que tem aberto as portas de seu ateliê para visitas, oficinas e exposições, o que tem aproximado os amantes da arte como também a sociedade para a compreensão daquele espaço em seus afazeres artísticos, pois como “O atelier do artista é uma das catedrais do nosso tempo, lugar possível da arte. Onde, diferentemente do museu, existe criação. O atelier é um alvo de peregrinos”. (PEIXOTO, 2006 apud SANTOS, 2009, p.50)

4.3 CONCEITOS DE GALERIA DE ARTE

A galeria de arte nos dias de hoje ainda se mantém como um ambiente destinado a um certo grupo seleto de pessoas, o que muitos não sabem é que ela é para a fruição de todos, muitos tem essa falsa ideia das galerias serem objetos de fruição da elite. A galeria hoje se tornou um espaço realmente infinito, dando a novos lugares, novos olhares, novas possibilidades para que a arte possa permanecer viva e presente na sociedade,

A galeria modernista típica é o limbo entre o ateliê e a sala de estar, no qual as convenções de ambos encontram-se num território neutralizado criteriosamente. Aí a consideração do artista pelo que ele criou ajusta-se com a perfeição ao desejo burguês de posse. Porque uma galeria é afinal, um local para vender coisas – e nada de mal nisso. (O'DOHERTY,2002,p.85-86)

Realmente não há nada de mal de olharmos por esse ponto, a galeria de arte surgiu para esse fim e se mantém a mesma nos dias atuais, feita para propagar e vender as obras de muitos artistas.

As galerias de arte não são só espaços arquitetônicos onde se expõe e comercializa a arte. Se você procurar no dicionário a maioria menciona o termo descrito como um local em que são expostos objetos de arte, mas as galerias e museus, são mais do que espaços físicos, como menciona:

O conteúdo implícito da galeria pode ser forçado a se manifestar por meio de intervenções que a utilizem por inteiro. Este conteúdo aponta para duas direções. Ele discorre sobre a “arte” lá dentro, para a qual ele é contextual. E discorre sobre o contexto mais amplo – rua, cidade, dinheiro, comércio – que o contém. (O' DOHERTY, 2002, p.102)

Sempre acreditei na arte que mova as pessoas, no pensar, no criticar, uma arte que seja viva além da apreciação momentânea, mas que possa agir e estar presente em cada transeunte por muito mais dias do que se possa imaginar,

pois como menciona O' Doherty (2002,p.106) “Os museus e as galerias encontram-se na situação paradoxal de intervir numa produção que abra a consciência, contribuindo assim, livremente, para o necessário entorpecimento das massas[...]”.

O artista nos dias de hoje pode encontrar outros meios para a fruição e venda de suas obras,mas ainda a galeria é um espaço de grande contribuição, deixando o artista livre para executar o que há de melhor, o fazer artístico, conforme O' Doherty (2002,p.91) “O recinto da galeria é tudo o que temos, e a maior parte da arte precisa dele”.

A galeria de arte hoje está mais perto do que se imagina pensar em outros caminhos como a internet, onde muitas galerias online tem ganhado corpo, tem incentivado e aproximado colecionadores e amantes das artes, pois como menciona O' Doherty (2002, p.36) “O espaço é hoje apenas o lugar onde as coisas acontecem; as coisas fazem o espaço existir.”

5. SER OU NÃO SER ARTISTA

Durante o meu percurso como acadêmicos do Curso de Artes Visuais, observo a grande dificuldade de colegas e professores, também artistas, de darem visibilidade a suas obras nas galerias, além do problema que muitos possuem em organizarem-se pessoal e artisticamente. Outro ponto que percebemos nesse campo é a situação das políticas públicas para a arte e a cultura, que muitas vezes seleciona alguns e deixa outros de lado. Para Ostrower (1977, p.10) “o homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa, ele só pode crescer, enquanto ser humano, coerentemente, ordenado, dando forma, criando”.

Percebi muitas vezes, que o artista necessita de um tempo para criar, pois o mesmo ainda não vive da arte e possui outro trabalho como renda. Esse tempo curto não lhe permite crescer como artista ou estar presente no meio artístico. Esta dedicação não exclusiva para sua arte acaba afastando-o do circuito artístico não abrindo possibilidades para sair deste círculo vicioso. Apesar de que como menciona Zoladz (2011, p.58) “A galeria tem como função mostrar, promover, apoiar e comercializar. O artista tem como função produzir. Ele produz a obra”.

Hoje o artista contemporâneo coloca-se não mais como os artistas do século XV que apenas se viam na obrigação ou no prazer de criar e produzir, mas de se organizar em relação a editais, contabilidades culturais e projetos que beneficiem sua caminhada como artista.

O artista hoje precisa estar a par do que está acontecendo à sua volta. Precisa ter um relacionamento maior com o mercado de arte, conhecer e se fazer conhecedor da matéria real das artes contemporâneas.

Conversando com amigos e professor artista, pude perceber dificuldades como ter seus trabalhos expostos em galerias ou em outros espaços que realizem suas vendas. As dificuldades de exposições que quase sempre são coletivas, o que não é ruim até certo ponto, mas há momentos em que o artista necessita mostrar um pouco mais dos seus trabalhos. Outra dificuldade que pontuo está ligada a relação de trabalhos voltados a atender pedidos, ao contrário de criar livremente. O que vejo também é uma quantidade de trabalhos guardados em um acervo particular, ora por vontade do artista, ora por não conseguir vendê-las.

Cito um trecho da entrevista do artista plástico Janor Vasconcelos ao jornal Diário Catarinense: Qual a importância desta exposição no MuBE⁵?

“Em primeiro lugar para a carreira, porque é a minha primeira exposição fora de Santa Catarina, a primeira em São Paulo. De certa forma levo Santa Catarina para São Paulo, um grande centro, algo que pode servir para outros artistas também ficarem antenados sobre a importância de não ficar só no local.”

Como você situa a relação entre arte e mercado?

“O artista precisa pensar no mercado, trabalhar com arte contemporânea é outro universo. Tive um desafio, meu trabalho era mais voltado para a figuração, mais acadêmico e senti a necessidade de mudar. As galerias, que têm força no mercado, também tiveram esse pensamento, de crescimento. Tudo, o mercado e o trabalho acabam se ajustando. Com as orientações, minha obra deu uma grande modificada, fortaleceu-se nas galerias com as quais atuo o Escritório Helena Fretta e a Casa Açoriana, em Florianópolis, e a ZZ, em Balneário Camboriú.”

Então me pergunto o artista encontra-se diante do desprazer de criar, ou como menciona Salles (2009, p.86) “o desprazer do ato criador está ligado ao fato de que o artista encontra, ao longo de todo o percurso, problemas infinitos, conflitos sem fim, provas, enigmas, preocupações”.

Situações como essas que o aprisionam e que o fazem indagar sobre suas virtudes e desejos. Não só o reconhecimento pessoal em relação ao seu trabalho, mas o desejo do fazer com prazer, de transmitir o que está em sua essência e poder viver e sobreviver desse bem, como menciona Salles (2009,p.88) “o artista diz enfrentar angústias de toda a ordem: morrer a não poder terminar a obra; reação do público; busca de disciplina; o desenvolvimento da obra; querer e não poder se dedicar ao trabalho, precisar e não conseguir dedicar-se ao trabalho”.

Querer e não poder dedicar-se diante do turbilhão de situações. O artista se conhece e sabe do que é capaz, muitos precisam do tempo físico, mas como ter

⁵ O Museu Brasileiro da Escultura é uma instituição cultural privada localizada no Jardim Europa, cidade de São Paulo. Foi inaugurado em maio de 1995, com o objetivo de divulgar os mais diversos segmentos da arte, priorizando a escultura e os suportes tridimensionais.

esse tempo e como sobreviver a esse tempo, onde o mesmo necessite de um emprego que o mantenha.

“As múltiplas formas que o desempenho profissional do artista vai adquirindo, ao longo dos anos, por vezes o conduzem a um novo campo de atividade artística que não desviam, no entanto, do seu desejo em consolidar uma carreira para a qual se preparou.” (ZOLADZ, 2011, p.63).

A disciplina do curso de Artes Visuais – Arte e Agenciamento Cultural da Universidade do Extremo Sul Catarinense contribuiu para o maior entendimento dos acadêmicos a respeito da arte e seus percursos, compreender seus temas, reconhecer suas funções. Proporcionaram-nos momentos para discussões, reflexões e de grande aprendizado. A fala de João Carlos Lopes dos Santos⁶ mencionando sobre o mercado de arte no Brasil abriu a princípio um leque de probabilidades de como pensar esse mercado, seus testemunhos pessoais, sobre vendas e suas observações sobre o ir e vir de obras. A compra das obras ou melhor dizer, não se compra, se adquire, seria um termo mais lógico nessa fala, não comprar mais adquirir, porque o mercado de arte é feito dessas possibilidades. Como João Carlos Lopes dos Santos ainda menciona que “antes de concretizar uma transação de compra, venda ou permuta de obras de arte, que procurem a orientação de um profissional do mercado da sua absoluta confiança.”

A reportagem "O mercado virou curador" da revista Bravo edição 177 de maio de 2012 nos apresenta a Feira Internacional de Arte de São Paulo, a SP-Arte, como um marco transformador da cena artística no país e uma grande exposição de arte moderna e contemporânea. A reportagem mostra ainda um pouco dos bastidores do evento, as negociações, a logística e os investimentos envolvidos. Este é um bom ponto de partida para mostrar a importância deste empreendimento, estudar o mercado de arte e entender como o valor das obras é determinado.

⁶ Fala de João Carlos Lopes dos Santos consultor de mercado de arte em: <http://pit935.blogspot.com.br/2011/03/o-mercado-de-arte-existe-realmente-no.html>

³A Revista Bravo teve sua publicação encerrada em 2013, hoje é possível encontra-la em plataformas online ou até mesmo em sebos.

Pesquisa-ação requer uma intervenção na realidade pesquisada e seu entorno, e representa um meio privilegiado para a discussão de um dos maiores impasses enfrentada [...] a relação entre teoria e prática. (MIRANDA & RESENDE, 2006).

Essa relação teoria e prática de Miranda e Resende (2006) tratam o que foi enfrentado quando se começou a pensar a exposição coletiva dos acadêmicos proposta pelo professor, as dúvidas, o desafio e quais caminhos deviam percorrer.

Toda a pesquisa antes apreciada pelos alunos possibilitou o desenvolver da exposição, muito ainda após a exposição foi analisado com pontos positivos e outros a melhorar, e todo esse caminhar o aluno vai adquirindo conhecimento. No final a entrega dos acadêmicos presenteou-os com uma exposição que foi bem comentada, cada um teve sua função e podemos juntos discutir, pensar e repensar nela, a exposição com mais carinho e respeito.

Provocação, não é imposição de ideais, mas leva o aluno (público em geral) a perceber ângulos inusitados com diferentes perspectivas de seu próprio pensamento. Ampliação de conhecimento tem que fazer sentido e relacionar com experiências para desenvolver o estético estimulando e resignificando o conhecimento (MARTINS, 2007, p.76)

O painel com o tema “Mercado de arte, projetos, artistas e o cenário atual”, evento esse no dia 12 de abril de 2013, no Campus da Unesc - Bloco P - Sala 19, com falas que nos presentearam em conhecimento, puderam tirar dúvidas e ao mesmo tempo compreendeu-se um pouco mais, assuntos como leis de incentivo a cultura, projetos e a captação de recursos.

Um dos resultados mais benéficos para os artistas é o surgimento dos coletivos de arte. Pensar que juntos podemos ir mais longe, ou juntos pensar em soluções mais ágeis, unidos podemos enfrentar as dificuldades de sermos artistas. Há várias motivações que nos levam a criação dos coletivos, alguns se unem para o fazer artístico, outros sobre a busca de novos talentos ou espaços que possam ser vinculados a arte .

Apesar de o artista visual ter um fazer mais isolado, mais solitário, participar dos coletivos é ajudar a pensar a arte na cidade como também de pensar e repensar a sua arte como enriquecimento para a própria cidade.

Acreditar na arte e no fazer da arte, esse é o primeiro combustível para o coletivo, além do conhecimento que é compartilhado e adquirido, há uma grande troca, objetivando grandes projetos.

Ser artista não é ser alienado, mas ser conectado ao coletivo e realizar aberturas de novos caminhos e novos modos operatórios de se olhar o mundo, sendo inclusive capaz de antever as transformações estruturais sociais para traduzi-las em políticas diversas (estruturas que defino como 'forma-pensamento'). Ser artista é possuir o papel político de desvelar injustiças sociais, políticas e econômicas, participando da educação moral e estética da sociedade. Ser artista, portanto, é aprimorar ou indicar novos modos operatórios para se viver. (ZOLADZ, 2011, p.54)

No coletivo é pensar no ditado que diz "a união faz a força", no coletivo a união faz a arte, faz a arte mover com mais facilidade, pois a divisão de fazeres além de uma busca que compreende uma ajuda igualitária para um único fim, potencializando o fazer e o pensar na arte nos dias de hoje.

Hoje pensar na cidade de Criciúma é pensar nos coletivos que nascem a cada ano, um exemplo é o coletivo Murro que promovem jovens artistas através de eventos e exposições, o Murro ainda surgiu com a ideia de divulgar ilustradores da região sul de Santa Catarina, e de criar espaços para exposições e diálogos entre as diversas frentes artísticas, bem como propiciar a criação de outras, articuladas através da criação de um ambiente onde o ponto chave é a expansão de possibilidades e a supressão dos limites.

Outro coletivo que não poderia deixar de mencionar é o Laborativo, um coletivo formado no final de 2011 por um grupo de amigos interessados em discutir o papel e o lugar da arte contemporânea, e conectada por uma ideia em comum: experimentar a arte contemporânea através da criação coletiva.

E por último menciono um grupo que criei com mais dois acadêmicos do curso de Artes Visuais da Unesc, Jeferson Silva e Daiane Pereira da Silva, realizamos a primeira exposição intitulada com o nome do grupo "Fora de circuito", que aconteceu no dia 18 de outubro de 2013 na Casa de Cultura do Rio Maina em Criciúma. A ideia principal do grupo é provocar e pensar novos espaços, sair dos centros vinculados à arte e dar ênfase aos artistas pouco conhecidos. Pretendemos continuar esta proposta em Criciúma e região como uma forma alternativa de criar novos espaços de exposição para a arte regional.

6. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Em relação ao problema de pesquisa debrucei-me sobre artistas da região, artistas-professores e artistas ligados a gestão cultural do município de Criciúma. Os artistas entrevistado foram Janor Vasconcelos, Odete Calderan, Daniele Zacarão, Joelson Bugila e Izabel Duarte.

Início a pesquisa questionando qual a formação do entrevistado, ressaltando o valor dos mesmos frente ao questionário.

O artista A1: *Graduação em Educação Artística e Pós Graduação em Arte Educação.*

O artista A2: *Professora-artista-pesquisadora. Tenho mestrado em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGART), da Universidade Federal de Santa Maria UFSM (2011), Especialização em Design para Estamparia pela Universidade Federal de Santa Maria UFSM (1994), Bacharelado em Desenho e Plástica pela mesma instituição (1989).*

O artista A3: *Bacharel em Artes Visuais e especialista em Educação Estética: a arte e as perspectivas contemporâneas, pela Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC.*

O artista A4: *Estudei Artes Visuais, sou Técnico em Design e graduado em Marketing. Realizei muitos cursos como o Processo Criativo com Charles Watson. Já trabalhei como mediador na 6ª Bienal do Mercosul além de participar de duas residências artísticas.*

A5: *Possuo Graduação em Educação Artística, Especialização em Ensino da Arte e no momento estou cursando o Mestrado em Educação.*

Na segunda questão pergunto: Como você define seu estilo de trabalho, acadêmico ou contemporâneo? Comente.

A1 diz: *Meu trabalho hoje ele está mais voltado a uma linha contemporânea, mas antes nos anos 80/90 meu trabalho tinha um recorte acadêmico com figuras abstratas e formas humanas. Grande parte de minha produção nessa época foi praticamente escultura. No início de 2000 meu interesse estava indo para o caminho da arte contemporânea.*

A referência de meu trabalho sempre estava presente o desenho artístico e técnico, principalmente com arquitetura onde desenvolvi vários projetos nessa área. Hoje o ponto de partida de minha poética visual é memória geográfica e social da mineração, universo que molda meu discurso artístico apresentado em pinturas, desenhos, objetos, esculturas, fotografia vídeo e instalações.

A2: Minha produção artística se insere na contemporaneidade, pois, agrego polaridades em um território híbrido de conhecimento e experiência processual como professora-artista-pesquisadora. E ao longo do percurso fui agregando campos e repertórios, sempre sujeitos a deslocamentos, coexistências e confluências. Igualmente, acredito que, o paradoxo do artista contemporâneo, no que diz respeito a ser artista hoje, é acreditar e ser fiel as suas próprias convicções, estar sempre pesquisando e se confrontando com o outro.

A3: Contemporâneo. Meu trabalho exige uma pesquisa conceitual, algo que não está apenas na forma e/ou representação.

A4: Contemporâneo. Acho que não tenho um estilo, prefiro falar que meu trabalho se define por questões a ser pensadas, questionadas, seja uma pintura, um objeto ou um vídeo. Mas não deixamos de ter o lado acadêmico, pois esta influencia é forte, vivemos ainda na academia se for analisar, o pensamento de curadores e críticos em sua maioria está ligado à academia. Muitos têm a resistência de entender que estamos em outra época, e as coisas mudaram. Fazem referência ao passado ainda.

A5: Como minha produção tem a Gravura e o Cartum como principal atividade. Talvez ainda possua um resquício de academicismo. Mas amo o contemporâneo e isso faz parte de projetos futuros associados a Gravura.

Noto experiências e processos nas primeiras respostas, onde os artistas demonstram a necessidade de pesquisas para moldar os seus trabalhos.

O desenvolvimento contínuo da obra deixa claro que não há ordenação cronológica entre pensamento e ação: o pensamento se dá na ação, toda ação contém pensamento. Esse processo de dar forma a sonhos ou de suprir necessidades realiza-se por intermédio da sensibilidade, da concretude da materialização e da ação do conhecimento e da vontade. (SALLES, 2009, P.56-57)

A terceira pergunta: Qual a sua relação entre arte e mercado?

A1: *No meu caso o trabalho está entre produção, exposições e conseqüentemente gera interesse em algumas galerias de arte em SC.*

Hoje o mercado de arte é bem complicado, pois o artista deve estar constantemente atuante no universo artístico e se destacar. Ser um artista atuante já é um grande desafio, imagina ocupar esse espaço com tantos artistas bom nesse país.

O trabalho de arte é como qualquer profissão. Tem que se dedicar participar em salões, exposições, pesquisar, ser persistente. Se não for assim, não vai conseguir seus objetivos. Além disso, penso que o artista hoje, tem que apresentar algo novo, diferente e se destacar nesse aspecto.

A2: *Tecendo um comentário amplo, o mercado de arte aqui em Criciúma (SC) ainda é incipiente e nas grandes capitais é difícil dimensionar, é uma questão complexa. Em qualquer época, agentes, práticas e instituições se articulam para constituir um sistema da arte, que privilegia e valoriza determinadas formas de expressão artística em detrimento de outras. Participar de editais, salões de arte, exposições curatoriais, galerias, favorece se inserir no campo da arte e mercado da arte. Porque também se trabalha para o outro. Claro que em primeiro lugar para você, mas você quer dividir com alguém, discutir, apresentar. O trabalho tem que se colocar em confronto com o outro como parte do processo.*

A3: *Em primeiro lugar, como artista, me preocupo sempre como o meu trabalho, com a demanda de pesquisa que ele exige de mim e com a forma em que estarei apresentando ao público.*

Acho que o mercado (a venda) deve ser a consequência de um bom trabalho, não podemos pensar em produzir "algo para vender", isso limita demais o processo de criação.

Minha relação com o mercado é um pouco distante, não sou representada por Galerias e não participo de Feiras. Mas, acompanho as notícias do mercado de arte dos grandes centros. É importante se manter informado.

É difícil falar de mercado quando se vive em uma cidade de interior como Criciúma. Não temos um mercado consolidado, o que existe é um pequeno espaço dentro do mercado da decoração, que privilegia trabalhos mais técnicos e pouco conceituais.

A4: Perigosa. Vivemos em um “boom” do mercado da arte. Hoje muitos jovens artistas estão “bombando” desde cedo em galerias e feiras de arte. Isso digo por mim, este caminho é perigoso, existe uma falsa ilusão do mercado para com o artista. O artista deve ficar prestando atenção no seu processo, amadurecer bem ele, e realizar seus trabalhos de acordo com a sua natureza para depois entrar no mercado. Hoje muitas galerias encontram novos artistas e querem já vender o que ele recém criou. Pois o mercado pede esta urgência, esta sociedade capitalista e ansiosa sempre quer o novo, nisso acaba criando alguns bloqueios no artista e fica preso a este sistema que é perigoso. Processo de criação demora, anos. Uma obra de arte deve ser criada com penso, cautela e verdade. E este processo demora. Hoje posso falar isso com propriedade, pois já desde cedo trabalhava para galerias, e somente hoje tive esta percepção de que não posso seguir este caminho, pois pode ser tarde lá na frente, se viciar no mercado de arte e ficar neste sistema capitalista perigoso.

A5: Nenhuma. Nunca comercializei meus trabalhos

Percebo nas quatro falas uma coerência, em primeiro lugar a participações mais ativas do artista em editais, salões de arte, exposições e galerias. O artista precisa estar sempre atento aos acontecimentos e as notícias lincadas ao mercado. O artista não pode parar, ser artista é ser pensante coletivamente, como qualquer profissão, é importante estar preocupado com os acontecimentos a sua volta como cita Zoladz (2011, p.46)

“Acredito que a formação seja algo extremamente valioso, sendo de certa forma, o que legitima uma profissão. No entanto, não é apenas a formação acadêmica universitária que define um artista, mas o que ele faz com essa formação (que pode provir também de outros meios) e como a utiliza.”

A quarta pergunta para mim é uma das mais importantes, pois a mesma é um dos resultados do objeto de estudo para esse trabalho: Você se mantém exclusivamente da sua arte ou ela está em segundo plano? Por quê?

A1: Hoje trabalho em uma empresa a arte fica em segundo plano. Mas aos pouco venho ocupando um espaço importante no mercado de arte que me proporciona comercializar e tirar proveito.

Pode ser que um futuro próximo eu possa me dedicar exclusivamente só do universo artístico e sobreviver da arte.

Acredito que muitos artistas tem algo parecido com minha realidade. Possui um trabalho que envolve arte ou não e o processo de produção artística e ganho fica em segundo plano.

A2: Não me mantenho da arte, mas gostaria. Mas em hipótese nenhuma está em segundo plano, pois, a arte me viabiliza enquanto sujeito e me vejo construindo dessa forma.

A3: Pra mim, a arte é sempre o primeiro plano!

Infelizmente não consigo me manter financeiramente apenas atuando como artista, por isso, trabalho como gestora cultural em uma instituição municipal. Não é uma função diretamente ligada à produção, mas de certa forma ainda me mantêm inserida no circuito de arte da cidade.

A4: A minha arte não me sustenta, sou muito novo para isso. Trabalho paralelo em outro emprego. Sou iniciante, um jovem artista. Preciso ter caminhada, experiências, participar mais de salões e residências de arte, para depois quando o trabalho e o currículo estiver maduro, apostar mais em viver dele. É como qualquer profissional, você precisa ter um currículo bom para trabalhar em um lugar bacana e ganhar bem para se manter. Infelizmente arte é muito subjetivo, viver da arte desde jovem, você precisa ter ótimos contatos ou já nascer no meio do sistema da arte, ou responder o que o mercado está querendo, neste sentido você conseguirá viver só dela quando jovem.

A5: Está em segundo plano. Talvez porque me dediquei e me dedico a docência e gostar de lecionar, vejo na arte uma terapia, não faço planos (no momento) de viver exclusivamente da arte, e sendo assim não invisto para que isso aconteça. Atualmente posso dizer que minha arte é minha terapia. Porém estou sempre produzindo, isso sim (produzir) faz parte dos meus planos... Sem intenção nenhuma.

As falas mencionam um desejo bem sólido em relação ao viver da arte, um desejo latente em fazer o que gosta e poder viver desse prazer: como menciona Zoladz (2011,p.57)[...] “muito mais interessante que viver de arte é viver com arte. Então, a gente procura viver a vida da melhor maneira possível e sempre, logicamente, no meio de artistas da área cultural toda.”

A quinta pergunta é uma preocupação em relação às artes e seus espaços expositivos: Como pensar hoje as exposições pelo Brasil e em Santa Catarina?

A1: No Brasil possui grandes eventos importantes entre instituições, galerias, museus e bienais. Em Santa Catarina o fato de ser um estado que possui poucos espaços de arte, mas mesmo assim tem suas instituições que devemos dar a sua importância e valorizar cada evento que acontece.

A2: É complexo pensar em exposições de arte tanto no Brasil quanto em Santa Catarina pelos contextos agregados: museus, galerias, bienais, salões de arte e outros. Não tenho parâmetros para uma reflexão precisa. Mas a arte é um campo fecundo sempre.

A3: Acho que as exposições de Artes Visuais no Brasil vivem um bom momento. Novos espaços estão surgindo, inclusive o número de Galerias Comerciais e vendas tem aumentado, as Feiras de Arte estão se fortalecendo, importantes exposições internacionais passaram pelo nosso país nos últimos anos, bem como artistas brasileiros foram convidados para expor em grandes espaços no exterior.

O valor e oferta de financiamentos por meio de incentivos públicos e privados tem aumentados e facilitado o desenvolvimento do setor.

Percebo Santa Catarina um pouco afastada dessa realidade. Existem poucos espaços privados, a grande maioria dos espaços de exposições são públicos e por isso não apresentam uma estrutura adequada. Não temos nenhum grande evento no estado, nem um espaço adequado para receber uma grande exposição.

Recentemente a Fundação Catarinense abriu o primeiro edital para seleção das exposições a serem realizadas em seus espaços, esse já foi um grande avanço para o acesso de novos artistas.

Os editais públicos de financiamento não respeitam uma periodicidade, mesmo estando garantidos por leis.

Falta articulação dos setores culturais e políticas públicas para o desenvolvimento cultural de Santa Catarina.

A4: Pensar hoje as exposições; estão cada vez mais frequentes, o número de exposições tem aumentado e projetos paralelos; cada vez mais artistas

internacionais estão tendo acesso aos museus e galerias do Brasil, está acontecendo uma “descentralização” da cultura, acho que muitos artistas tendem a se expor seu trabalho, para encontrar um lugar, vejo um movimento.

A5: Acho que não tenho propriedade de falar em relação ao Brasil. Mas em relação à Santa Catarina vejo pouco investimento. Nossas políticas públicas podem olhar a nossa arte com um pouco mais de atenção. Sinto nosso estado pobre em relação à arte, pouca valorização aos nossos artistas.

Pensando nas falas em relação à quinta pergunta vejo bem claro a dificuldade de um planejamento pensado na arte e no artista local do estado de Santa Catarina, também a falta de locais para abrigar exposições pelo estado, inclusive espaços diferenciados para grandes propostas, como exposições de artistas do exterior como também de outros locais do Brasil que possam contribuir para um enriquecimento seja dos artistas do estado como também a sociedade como um todo. Ainda penso em conjunto com a declaração do entrevistado A3, quando o mesmo menciona a falta de articulação dos setores para um desenvolvimento cultural mais amplo.

No caso das artes plásticas, na base dessa ampliação estão as novas políticas culturais responsáveis pela redefinição das instituições, que passaram de redutos de uma cultura de elite para atuar como espaços de cultura em massa. A repercussão das exposições de arte organizadas em São Paulo por ocasião dos 500 anos da descoberta do Brasil é um exemplo do fenômeno globalizado que se estende, ainda de forma errática, ao contexto cultural brasileiro. Em muitos países assistimos a intervenção do Estado nesse processo gerando pólos de pesquisa fortes que alimentam projetos culturais [...] (MOREIRA, 2009,p.144)

Uma fala sempre presente no curso de Artes Visuais é os editais, muitos não valorizam, talvez por vários motivos de cunho pessoal ou por acharem que não faz parte de seu universo artístico, mesmo assim pensar nos editais e participar é contribuir para o seu crescimento.

A sexta pergunta: Como você avalia os editais na perspectiva de suas propostas, como inclusão ou como exclusão?

A1: Vejo editais com vários níveis e ótimos. Cada edital tem seu perfil. Existem bons editais e eu procuro o que mais me interessa ao meu perfil. O artista é

que procura o edital apropriado a ele, no nível de cada artista. Hoje no Brasil e em SC existem editais variados no mercado de arte e cada um deles pode ser uma porta de entrada.

A2: Acredito que os editais podem favorecer e ajudar muito as propostas, desde que seja bem fundamentado, portando envolve pesquisa. Não acredito que inclui ou exclui o que parece inalcançável parte de uma dose de trabalho, seja primeiramente em uma leitura precisa deste edital, seu preenchimento e principalmente uma boa proposta, também o currículo do artista é muito importante, junto a isso, uma dose de coragem para não desistir no meio do caminho. Também não se deixar desestimular se não for escolhido, tentar outros e assim sucessivamente.

A3: Os editais atualmente são a grande fonte de financiamento de projetos de artistas. Mas para pleitear esses recursos é preciso ter domínio técnico para a elaboração de um projeto.

Alguns sistemas, como a Lei Rouanet e outros mecanismos de por meio de mecenato, não costumam favorecer os artistas, considerando que grande parte dos recursos disponibilizados por esses meios acabam sendo captados por grandes produtoras de grandes centros do país.

A4: Acho que editais devem ser analisados com cautela. Ser estratégico. Existem milhões de editais, no qual aquele com jurados/críticos que você já tenha trabalhado, isso ajuda muito nas decisões da seleção e você pode ser incluído, ou editais regionais que são mais fáceis de passar. Editais nacionais requer um poder maior, não que seja uma exclusão, a proposta tem que ser realmente muito boa e seu currículo tem que ser considerável, pois quanto mais experiência, exposições, salões e residências, mais longe o artista vai e editais conquistar. Editais é um processo, às vezes seu trabalho não está pronto o suficiente, não tem força para ser apresentado para as pessoas, você precisa vender a ideia. Se tiver jurados que gostam da sua linha de pesquisa, sim pode ser uma chance de se passar, mas se não, deve usar estratégias para ser aprovado, começando por baixo e por editais locais e regionais.

A5: Os pouco editais que tive acesso, foi aberto, com algumas exigências normais de um edital. Talvez a exclusão exista da hora da seleção, porém não tenho fundamento para afirmar isso.

Cito uma fala de um professor-artista do livro “Ser artista ser professor, razões e paixões do ofício” de Almeida que menciona que:

[...] acho importante se ter um cargo fixo, um trabalho fixo na faculdade ou numa escola porque, sem dúvida nenhuma, a gente percebe que economicamente o país está em situação instável e que é muito difícil para o artista sobreviver exclusivamente do trabalho dele, a não ser em alguns casos. Mas, na maioria das vezes, não acontece isso. Eu ficaria até insegura em produzir sabendo que não tenho um respaldo econômico que me permita pagar o aluguel, comprar tintas. De que maneira se pode fazer este trabalho sem ter as condições mínimas? Num país como o Brasil, acho importantíssimo esse vínculo. (ALMEIDA, 2009, p.69)

O que deixa bem claro, que é preciso pensar na arte, principalmente quem vive da arte, mas viver dela principalmente no Brasil dos dias atuais tem sido uma dificuldade, ainda é necessário ao artista ter um vínculo empregatício, a não ser para alguns artistas que conseguem ter uma segurança econômica ou do contrário a arte ficará em segundo plano.

7. POÉTICA PESSOAL – OBRA.

Durante a pesquisa do problema, eu fui aos poucos me confrontando. Em minha mente ideias borbulhavam sem cessar, pensamentos iam e viam numa constante. As vezes imagino criar um botão de “on” e “off” ,pois minha mente está sempre sendo alimentado por um desejo latente de criar e recriar. Muitas ideias foram surgindo e até em alguns momentos tomando formas tão grandes que cheguei ao ponto de inúmeras vezes mudar todo o projeto, o que seria um enfado para tão pouco tempo que ainda me restava, ou como menciona Salles (2009,p.90) “ a obra vai, assim, se desenvolvendo nesse ambiente emocionalmente tensivo, em meio a prazeres e desprazeres, flexibilidade e resistência”.

Desde o começo da pesquisa tive como projeto a intensão de criar ou utilizar alguma ferramenta online (internet). Um projeto que nasceu junto com disciplina de estágio, pensando no artista que não possui um ateliê próprio e numa galeria online, onde o artista poderia organizar suas obras tanto para fruição como também para a venda das mesmas, pois acredito nesses dois potenciais , primeiro o artista e outra a ferramenta ou o meio de difusão chamado internet e sua rica facilidade de circulação, uma ferramenta que sendo bem usada e aproveitada pode alavancar tanto a sua carreira como seus projetos pessoais, é a melhor e mais rápida forma de ver o mundo e de permitir que o mesmo os visualize.

A internet é um sistema global de redes interligadas de computadores que possibilita aos usuários se comunicarem e compartilharem informações independentemente de onde estejam ou da distancia entre eles. Como tecnologia da comunicação, a internet mudou a relação entre a arte e os públicos [...] (BIRD, 2012, p. 205)

Por mais valioso que seja o seu ateliê pessoal, ele é o lugar de criação, de pesquisa, mas é preciso abrir as janelas para que os de fora possam vê-lo e serem conhecedores do seu talento, ou seremos como os artistas que esperam serem valorizados depois de sua morte.

A pesquisa iniciava com uma galeria online, depois partiu para um novo patamar ainda tendo a internet como pano de fundo. O objeto em si era uma

pesquisa na cidade de Criciúma e seus artistas, seria coletado um cadastro de artistas da cidade que possuem um fazer ou múltiplos fazeres artísticos, uma ideia foi utilizar a ASCAV – Associação Sul Catarinense de Artes Visuais e seus artistas cadastrados como base. A proposta para esse fim era a criação de um mapa online, desejo ainda latente para o futuro. Mapa esse onde seriam cadastrados todos os locais destinados a exposições, como por exemplo, Centro Cultural Jorge Zanatta / Fundação Cultural de Criciúma, Casa da Cultura Professora Neusa Nunes Vieira, Galeria de Artes Octávia Gaidzinski e Espaço Cultural Toque de arte (UNESC). Além destes lugares também estariam presentes os artistas cadastrados com seus respectivos nomes e endereços, esse mapa seria um site e ao mesmo tempo não, apropriadamente dito. Nesse mapa você escolheria um artista ou ainda um estilo de arte, como por exemplo, a pintura, a gravura ou a performance, e o site mostraria no mapa qual artista que trabalhava com aquela seguinte proposta na área das artes plásticas. ao escolher o artista, um pequeno balão contendo informações sobre o artista, um breve currículo e um link de um endereço eletrônico do próprio artista, seja um site ou um blog, onde o pesquisador seria direcionado para esse endereço eletrônico, onde o mesmo pudesse conhecer mais do artista e seu trabalho.

Ao mesmo tempo em que o site apresentava o artista escolhido no mapa, ele também indicaria ao pesquisador possíveis exposições acontecendo naquela data ou posterior, o que conforme o interesse do pesquisador em conhecer o trabalho do artista resultaria na visita a esse local destinado a essa exposição.

Essa ideia surgiu numa tentativa frustrada de pesquisar na ferramenta do Google os seguintes dizeres “artista plástico em Criciúma”, onde a busca resultou em apenas dois nomes que possuíam um site, ou como já comentei anteriormente no texto, abriram as janelas do seu ateliê.

Então surgiu a pergunta: onde estão os outros artistas? Foi ai nessa dificuldade que surgiu a ideia do mapa das artes online de Criciúma, um lugar onde o pesquisador pudesse através dele encontrar uma grande quantidade de artistas criativos, promissores, prontos para divulgar seus trabalhos. A primeira dificuldade desse projeto poderia ser o dinheiro, mas na verdade seria o tempo para deixá-lo pronto, e a segunda, foi de que o curso de Artes Visuais não aceita plataformas digitais para trabalhos de conclusão de curso.

Um segundo projeto que nasceu de minha mente, foi a criação de um ateliê comunitário, pensando na dificuldade de alguns artistas, por não dispuserem de um espaço físico que contribua para a realização de seus trabalhos artísticos. Um exemplo seria a minha própria pessoa se é que eu posso me mencionar como artista, mas por morar em um apartamento, e que não pode arcar com um espaço para um ateliê próprio.

O projeto pensava num ateliê comunitário, o mesmo seria comandado pela fundação cultural da cidade ou por uma associação de artistas como as “*guildas*”. Cada artista que quisesse utilizar o ambiente para suas produções teria dias e horários agendados para o uso do local, uma ideia de sustentabilidade exemplos de doações mensais de trabalhos dos próprios artistas e suas respectivas vendas, ou ainda, palestras, oficinas e outros afins.

Pude perceber que o projeto do ateliê comunitário casaria com o projeto do mapa online das artes da cidade. Foi ai que surgiu um terceiro projeto que nasceu dessa mente, que foi a difusão e circulação das obras para a cidade e também para fora da cidade, nasceu então o terceiro projeto, uma galeria itinerante.

“O artista lida com sua obra em estado de permanente inacabamento. No entanto, o inacabado tem um valor dinâmico, na medida em que gera esse processo aproximativo na construção de uma obra específica e gera outras obras em uma cadeia infinita”. (SALLES, 2009, p.82)

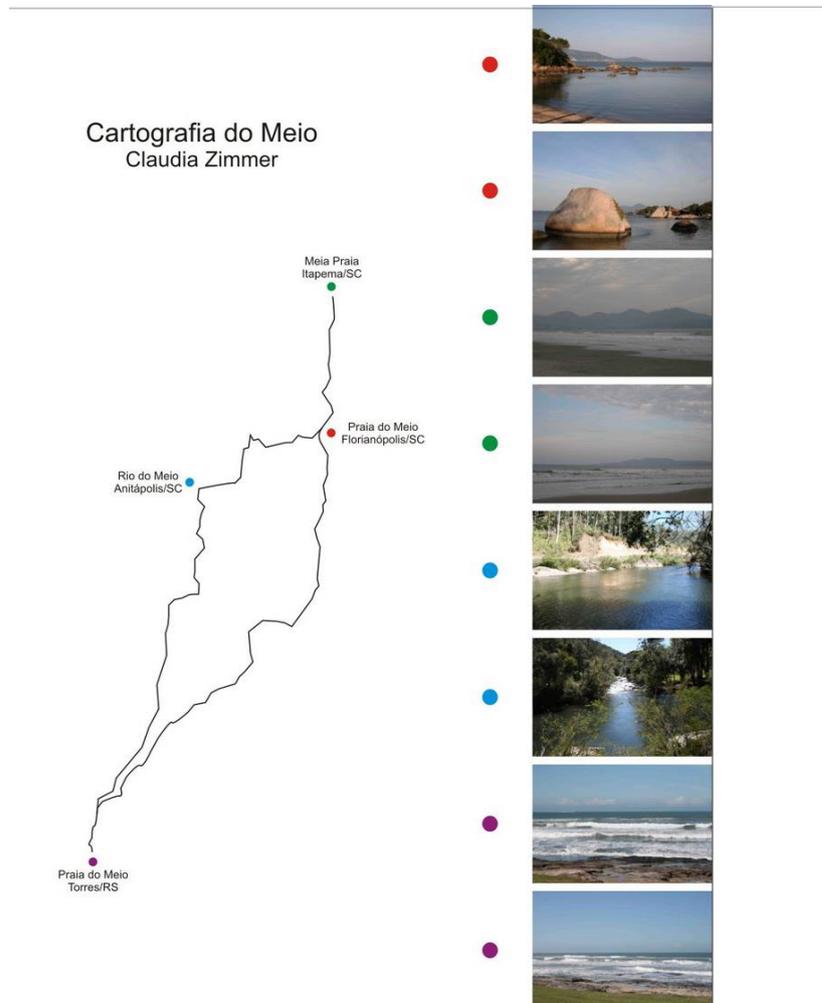
A proposta seria criar uma galeria física, formada com paredes de madeira ou outro material, e um sistema a ser pesquisado que permitiria a união das estruturas e uma praticidade para montar e desmontar. Seria uma galeria que pudesse estar em Criciúma pela manhã e no período da tarde do mesmo dia poderia estar sendo montado numa cidade vizinha da região, permitindo uma aproximação de exposições para com a sociedade, admiradores e possíveis compradores.

O ateliê comunitário casou com a primeira ideia, pois a primeira apresenta o artista, a segunda lhe concede um local para trabalhar, executar seus projetos, e a terceira vem para oportunizá-lo no mercado.

Não abandonando a ideia da cartografia, pensei em pontuar no mapa viário da cidade de Criciúma, os quatros locais principais da fruição das artes

plásticas. Criei um caminho que os unia, dando origem a um mapa, o que me fez recordar de um trabalho da artista Cláudia Zimmer “Cartografia do meio”.

Figura 6 - Cartografia do meio, Cláudia Zimmer.



Fonte: <http://galeriafcc.blogspot.com.br/2010/07/cartografia-do-meio-claudia-zimmer.html>

Ao realizar um levantamento via internet de alguns pontos geográficos com as palavras “meio” ou “meia”, a partir da sua pesquisa e os lugares definidos Cláudia Zimmer realizou investidas físicas a esses locais, para vivenciar experiências, ela delineou um mapa que ficou entendido como o “Mapa do meio”.

O que fiz foi pontuar no mapa viário os quatros pontos de fruição das artes plásticas da cidade de Criciúma. A união dos quatro pontos escolhidos criou um trajeto, ou melhor, um mapa.

Não achei correto pontuar nesse momento espaços particulares, como ateliês e galerias de alguns artistas, mas sim os lugares abertos à sociedade como um todo.

Os quatro pontos escolhidos foram o Centro Cultural Jorge Zanatta / Fundação Cultural de Criciúma, Casa da Cultura Professora Neusa Nunes Vieira, o Espaço Cultural Toque de arte (UNESC) e a Galeria de Artes Octávia Gaidzinski que congrega ao Centro Cultural Santos Guglielmi.⁷

7.1 CENTRO CULTURAL JORGE ZANATTA / FUNDAÇÃO CULTURAL DE CRICIÚMA.

Construído na década de 1940 para o funcionamento do Departamento Nacional de Produção Mineral o local serviu para a instalação do primeiro serviço de água tratada da região. Em 1962, passou a ser administrado pela Comissão Executiva do Plano do Carvão Nacional e, em 1964, foi utilizado como cárcere do primeiro ano da ditadura militar. Anos depois, o Conselho Nacional do Petróleo tomou conta do casarão, que passou a ser conhecido como "Prédio do CNP". Em 1993 o Município tomou posse do imóvel, ali instalando a Fundação Cultural de Criciúma que criou o Centro Cultural Jorge Zanatta, recebendo restauração em 1996. - Rua Cel. Pedro Benedet, 269, Centro.

7.2 CASA DA CULTURA PROFESSORA NEUSA NUNES VIEIRA.

A Casa da Cultura Neusa Nunes Vieira está situada na Praça Nereu Ramos. No local funcionou a antiga Igreja Matriz São José e uma escola do município. Em 1928 a estrutura deu lugar a uma nova construção em alvenaria com dois pavimentos. A partir de 1932 o prédio foi cedido, pela paróquia, à prefeitura municipal para o funcionamento do Grupo Escolar Professor Lapagesse. Em 1941 o sobrado foi demolido dando-se início a construção da sede da Prefeitura Municipal, inaugurada em 1943. Ao longo da história da cidade, teve distintas finalidades: Fórum (1944); Câmara Municipal (1946); administração da Fundação Educacional

⁷ Descrição dos quatro pontos escolhidos encontra-se no site: http://www.criciúma.sc.gov.br/site/turismo/pontos_turisticos

de Criciúma - FUCRI (1972 até o início da década de 1980). Em 1984 o prédio foi reformado com revestimento em granito nas paredes externas e, em 1987, passou a ser sede da Casa da Cultura.

Até fevereiro de 1999, circularam por esse estabelecimento várias atividades comprometidas em divulgar e construir a cultura da cidade, como: a diretoria de turismo; a escola de línguas estrangeiras; a escola de jardinagem, que envolvia menores carentes; a escola de música; a extensão da Biblioteca Pública Municipal e a Companhia de Desenvolvimento Econômico e Planejamento Urbano - CODEPLA (até abril de 2003). Atualmente, a Casa da Cultura é administrada pela Fundação Cultural de Criciúma. Nas suas dependências, funcionam: o Arquivo Histórico Pedro Milanez, o setor de Patrimônio Histórico e a coordenação da Casa da Cultura. Foi tombado como patrimônio histórico pelo decreto municipal nº 815/SA/2003.

7.3 CENTRO CULTURAL SANTOS GUGLIELMI (GALERIA DE ARTE OCTÁVIA GAIDZINSKI)

Localizado no Parque Centenário, sua construção deu-se em 1983. A arquitetura congrega o Teatro Municipal Elias Angeloni, a Galeria de Arte Octávia Gaidzinski, a Biblioteca Pública Municipal Donatila Borba e um teatro de arena.

7.4 ESPAÇO CULTURAL TOQUE DE (UNESC)

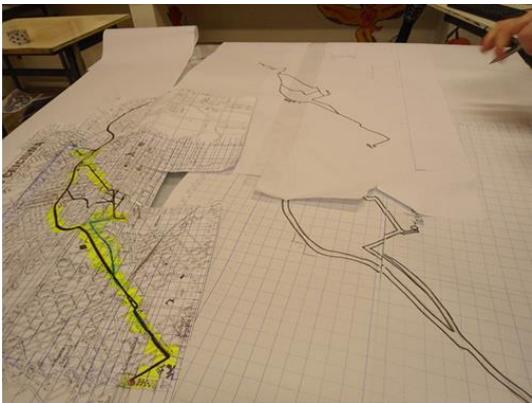
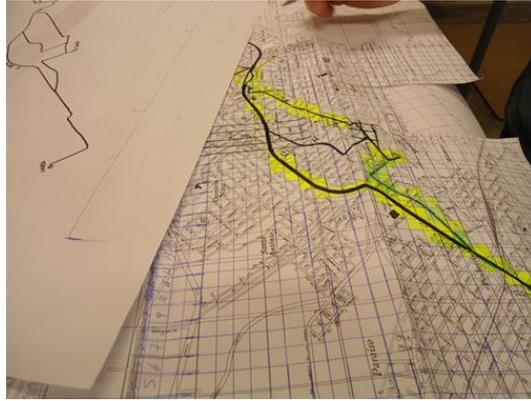
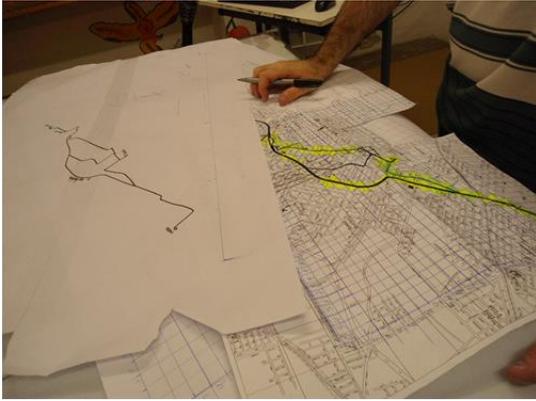
No Espaço Cultural Unesc Toque de Arte, o objetivo é estimular a produção e a difusão das artes, possibilitando o intercâmbio de conhecimentos entre a Universidade e a comunidade. Este espaço também valoriza os talentos artísticos da região com mostras, exposições e apresentações musicais. O lançamento das exposições acontece sempre às 20h30, com apresentações e presença dos artistas. O evento é aberto às comunidades interna e externa e acontece no hall do Bloco Administrativo do campus universitário.

À partir da escolha dos espaços foi pensado o objeto de arte. O processo foi uma fotografia da cidade e o desenho feito à mão do mapa e depois foi utilizado a computação gráfica, foi impresso duas folhas de poliéster tamanho A3 com as imagens, que na sequência foram enviadas a uma empresa de serigrafia para gravação das telas serigráficas, foi utilizado uma em malha 32 e outra em malha 55, depois foi realizada no ateliê uma serigrafia sobre papelão com 5 cores, vermelho, verde, dourado do transfer foil, branco e preto.

A serigrafia é essencialmente um método desenvolvido a partir de técnicas primeiramente usadas pelos chineses há muitos séculos, mas praticamente desconhecidas no Ocidente até meados do presente século. Desde então, transformou-se num dos processos mais usados e mais versáteis da produção gráfica, sendo empregue em praticamente todas as áreas de trabalho de impressão [...] (KINSEY, 1979, p.9)

A obra é uma serigrafia sobre papelão, nas medidas 80x80cm, a obra possui uma imagem de fundo, uma fotografia da cidade de Criciúma nas cores vermelho e verde ao fundo e na sequência o branco por cima, depois foi aplicado também no processo de serigrafia a imagem do mapa com as localizações dos quatro espaços escolhidos. A cor vermelha e verde é uma referência as cores da bandeira da cidade de Criciúma, o branco foi uma intenção de mostrar o mapa que foi aplicado logo em cima, há alguns detalhes feito com foil dourado, trazendo uma riqueza para a obra, pensando também na ideia de dar valor aos quatro pontos selecionados. É importante pensar nesses locais como um todo, a necessidade de recuperá-los e mantê-los como um patrimônio destinado a fruição das artes. Na verdade quisera eu que pudesse haver mais pontos nesse mapa. Mas isso depende da força de todos, tanto gestores culturais, políticos, como também os artistas e os acadêmicos de Artes Visuais na busca não só de quantidade, mas de qualidade para os espaços já existentes. A arte depende de todos.

Figura 7 - Elaboração do mapa



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 8 - Foto de Criciúma, (processo em computação gráfica)



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 9 - Mapa artístico



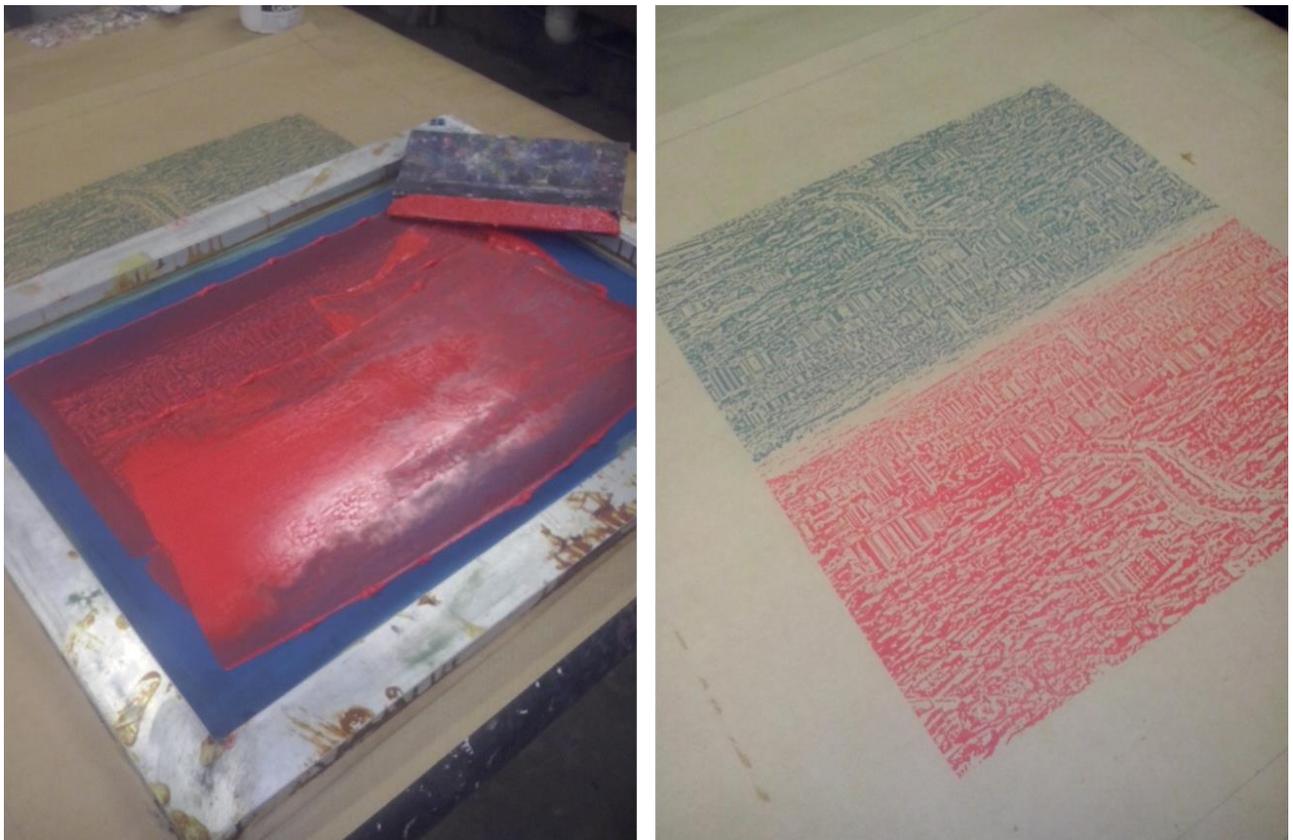
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 10 - Processo artístico



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 11 - Processo artístico



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 12 - Obra



Fonte: Arquivo pessoal

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar o projeto, ficava uma grande dúvida em relação ao assunto, se era possível dialogar com outros autores as difíceis caminhadas do artista.

Diálogos com artistas, professores e acadêmicos de Artes Visuais contribuíram para pensá-lo diante do objeto de pesquisa, onde foi enriquecendo com buscas bibliográficas, partindo de um ponto estratégico que foi a Renascença, onde começo a demonstrar as dificuldades e ao mesmo tempo a organização dos artistas para uma mudança.

As menções a Michelangelo e a Coubert enriquecem o trabalho por apresentarem artistas de renome em épocas diferentes e que possuíam suas próprias dificuldades. Muitos apesar de conhecerem a história de Michelangelo, não sabem por completo as agruras enfrentadas pelo mesmo, claro que não menciono sua bibliografia que é extensa e rica em detalhes, mas apresento informações relevantes para o enriquecimento da pesquisa.

O questionário possibilitou um diferencial nessa discussão, do modo de ver o artista. Um dos entrevistados dialoga objetivamente com o problema ao mencionar que vivemos um “boom” do mercado de arte. Galerias estão tendo visões diferentes, apostando em novos artistas e esse processo se torna contínuo, o que faz com que o artista jovem hoje não é o mesmo de amanhã, por isso tudo deve ser pensado com cautela, todo o processo precisa de amadurecimento e experiências. Ainda há a necessidade de se ter bons contatos, ter um currículo considerável e desenvolver propostas interessantes para o mercado.

Outras preocupações inseridas pelos entrevistados foram a falta de um evento no estado de Santa Catarina, ou ainda espaços adequados para receber grandes exposições. Além disso, o artista hoje precisa ser um profissional mais completo, que possua um domínio sobre a escrita de projetos, que entenda um pouco de gestão cultural, o indivíduo não se caracteriza mais como um artista que só cria a obra, mas precisa participar de todo o processo.

O artista iniciante ou até mesmo já experiente precisa abrir seu leque de possibilidades, pensar no trabalho artístico com pesquisa (dependências), o artista precisa ter diálogo com o gestor cultural. Precisa exercer o papel de multiplicador e pensar na emancipação do indivíduo através da sua arte (público). É preciso ter uma

visão socioeducativa, dar esse retorno à população. Participar de oficinas de formação, cursos de capacitação como já citado e residências artísticas.

Considero assim que a pesquisa me fez refletir a partir das dificuldades, mas também os meios para as mudanças, que partem de princípios de organizações coletivas, pensando no todo, política, gestores culturais e os artistas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Célia Maria de Castro. **Ser artista, ser professor: razões e paixões do ofício**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.
- BIRD, MICHEL: **100 ideias que mudaram a arte**. São Paulo. Editora Rosari, 2012.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. 7. ed. São Paulo: Ed. Ática, 2000.
- CANTON, Katia. **Do moderno ao contemporâneo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2006.
- CHARPIER, Jacques; SEGHERS, Pierre. *L'art de la Peinture*. 1 ed. Paris: Ed. Editions Séghers, 1957.
- GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. 2 ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1981.
- HAUSER, Arnold. **História Social da Arte e da Literatura**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2000.
- KINSEY, Anthony. **Serigrafia**. Lisboa: Editorial Presença, 1979.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- MIRANDA, Marília Gouvêa de; RESENDE, Anita C. Azevedo. **Sobre a pesquisa-ação na educação e as armadilhas do praticismo**. Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 33 set./dez. 2006.
- MOREIRA, Maria Carla Guarinello de Araújo. **Arte em pesquisa**. Londrina: Edue, 2005.
- O'DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco: a ideologia do espaço da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1990.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PROENÇA, Graça. **Descobrimo a História da Arte**. 1.ed., São Paulo: Ática, 2008.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. 4. ed. São Paulo: Annablume, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SANTOS, J. C. L. dos. **Manual do Mercado de Arte**. São Paulo: Júlio Louzada Publicações Ltda., 1999.

SMITH, Roberta. Arte Conceitual, Pp 185. In: **Conceitos da Arte Moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

STRICKLAND, Carol. **Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno**. 2.ed Rio de Janeiro: Duetto, 1999.

ZOLADZ, Rosza W. Vel. **Profissão Artista**. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano,2011.

REFERÊNCIAS DIGITAIS

MARTINS, Miriam Celeste. Mediação: **Estudos iniciais de um conceito**. Blogspot.com, 27 de Junho. 2007, pág. 76. Disponível em: <http://equipearte.blogspot.com/2007/06/mediaoestudosiniciais-de-um-conceito.html>. Acesso em: 22 de setembro. 2013.

Portal Prefeitura Municipal de Criciúma, **FCC Turismo**. Disponível em: < http://www.criciuma.sc.gov.br/site/turismo/pontos_turisticos > Acesso em 01de junho de 2014.

DISSERTAÇÃO

SANTOS, Liliane P. dos. **O ambiente do artista. O ateliê e seus guardados**. 2009.168f.Dissertação (Mestrado) Instituto de Artes - UNESP – Universidade Estadual Paulista, São Paulo,2009. Disponível em:<<http://www.ia.unesp.br/Home/Pos-graduacao/Stricto-Artes/dissertacao---liliane-pires-dos-santos.pdf> >. Acesso em: 20 maio 2014.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A – AVALIAÇÃO NUMÉRICA DE CÉLULAS

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
UNIDADE ACADÊMICA HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO
FICHA DOS EXAMINADORES

1- INSTRUÇÕES PARA A AVALIAÇÃO:

A avaliação do trabalho seguirá os critérios conforme as tabelas abaixo:

APROVAÇÃO	IGUAL OU SUPERIOR A 6,0
APROVAÇÃO MEDIANTE REFORMULAÇÕES	DE 6,0 A 5,0
REPROVAÇÃO	IGUAL OU INFERIOR A 4,9

2- ETAPAS PARA AVALIAÇÃO:

ETAPA 1 - PRODUÇÃO TEXTUAL= 10,0		
Esta nota será dada pelos dois professores que compõe a banca		
O título está relacionado com a ideia principal.	0,0 a 1,0	
A introdução é clara e articulada ao trabalho	0,0 a 1,0	
A apresentação do problema/questão de pesquisa está contextualizada	0,0 a 1,0	
Os objetivos estão explicitados	0,0 a 1,0	
A fundamentação teórica é coerente e suficiente para o tema inserindo-se nas vertentes contemporâneas.	0,0 a 1,0	
A apresentação do texto e as citações estão conforme as normas da ABNT e a bibliografia citada consta das referências	0,0 a 1,0	
A bibliografia é abrangente, atualizada, qualificada academicamente.	0,0 a 1,0	
A metodologia utilizada está explicitada e apropriada para a abordagem do problema	0,0 a 1,0	
A conclusão é coerente com os objetivos	0,0 a 1,0	
Apresenta autoria, sugestões e propostas	0,0 a 1,0	
	Total	
ETAPA 2 - APRESENTAÇÃO ORAL = 10,0 pontos		
Argumentou de forma clara, objetiva e coerente.	0,0 a 2,0 -	
Apresentou domínio do tema e capacidade de síntese.	0,0 a 2,0 -	
Contemplou os principais tópicos apresentados no trabalho escrito.	0,0 a 2,0 -	
Sustentação da arguição.	0,0 a 2,0	
Material visual apresentado.	0,0 a 2,0	
	Total	
ETAPA 3 – PRODUÇÃO ARTÍSTICA = 10,0 pontos		
Adequação e coerência da forma da apresentação c/ o objeto / tema de estudo	0,0 a 2,5	
Qualidade da apresentação e utilização dos meios escolhidos	0,0 a 2,5	
Diálogo entre os conceitos e a produção artística	0,0 a 2,5	
Relações da produção com as vertentes contemporâneas	0,0 a 2,5	
	Total	

Assinatura do examinador _____